



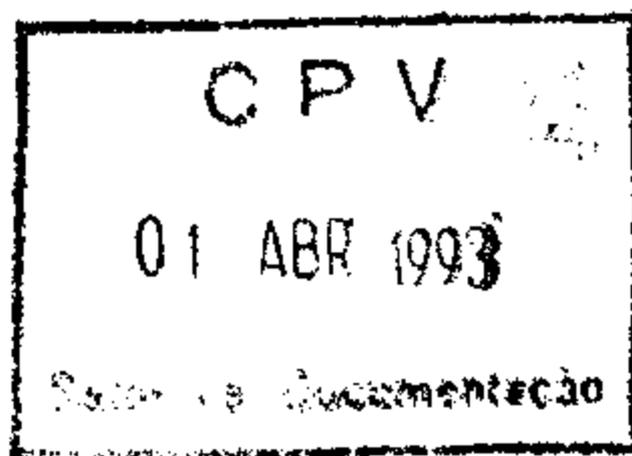
FRANCISCO  
JULIÃO

**ATÉ QUARTA, ISABELA!**

(CARTA ESCRITA DO CÂRCERE)

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S.A.

Até quarta, Isabela!



FRANCISCO JULIÃO

ATÉ QUARTA,  
ISABELA!

*(carta escrita do cárcere)*

EDITORA CIVILIZAÇÃO  
BRASILEIRA S.A.

RIO DE JANEIRO

*desenhos de capa:*  
EUGÊNIO HIRSCH

*Exemplar*      Nº      1002

Direitos desta edição reservados à  
EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S.A.  
*Rua 7 de Setembro, 97*  
RIO DE JANEIRO

---

Impresso nos Estados Unidos do Brasil  
*Printed in the United States of Brazil*

## APRESENTAÇÃO

QUANDO REGINA de Castro me entregou os originais desta carta, me transferiu a ampla liberdade que lhe fôra dada pelo próprio Julião de fazer com ela o que achasse melhor: procurar-lhe ou não, um editor.

Seu entusiasmo de mulher que muito está amando e muito está sofrendo, — sofrimento que não revela outra coisa senão uma maneira mais profunda e terrível de amar — seu

entusiasmo neutralizou o meu, tornou-me prudente, mais do que isso, destituiu-me do interesse de lê-la e, quando o fiz, depois de quase dois meses de estar com ela em meu poder, foi com certa reserva, com uma desconfiança que a primeira leitura, de repente desfez.

Nela, tudo me surpreendeu, do tratamento cuidadoso à unidade da idéia central, da qual nunca se desvia. E me surpreendeu sobretudo pelas condições em que foi escrita, i.é., por saber que não existiram absolutamente condições. Julião conseguira um milagre. De sua inclinação para as letras eu sabia, pois uma vez me confessara êle invejar os que podiam se entregar, sem outras preocupações, à literatura, acrescentando que, não fôra o latifúndio que decretara a sua carreira de agitador social, sua vida teria sido diferente. Mas havia o latifúndio, responsável por um estado calamitoso de coisas, culminando em uma impressionante mortandade, tão impressionante que chegou a ser classificada como genocídio. Foi como se estivesse ouvindo Mitre, Mitre que afirmara odiar Rosas, não só porque fôra o verdugo dos argentinos mas também porque o obrigara a vestir a farda, tomar as armas, correr os campos, tornar-se político e lançar-se à carreira tempestuosa das revoluções sem po-

der seguir a sua vocação literária. O ódio de Mitre em Julião é ressentimento. Apesar de tudo chegou êle a se realizar como escritor, com um livro de contos, *Cachaça*, concebido na província onde foi dado à luz, cujo êxito ficou também por lá, e um romance, *Irmão Juazeiro*, que a Francisco Alves selou com a responsabilidade de seu nome. Não li êsses livros mas conheço muitos de seus poemas, que êle nunca publicou, alguns dos quais eu teria gostado de assinar. Julião é antes de tudo e acima de tudo, poeta. E de sua poesia esta carta está tôda ela semeada. É uma carta de amor, somente de amor, como êle diz, escrita a uma menina. Mais que carta é um documento, porque um depoimento significativo, a corajosa e expressiva profissão de fé ideológica que define um homem, rendido unicamente à sua verdade, essa verdade desfraldada em bandeira, bandeira de uma luta, gravitando no campo absoluto da justiça.

O aprendiz de mártir aprofunda agora a sua vocação. Julião sabe, e nós outros, que privamos de sua intimidade, sentimos e vemos que essa prisão, longe de cair-lhe sôbre a cabeça como um raio é o raio de luz suspenso, se abrindo sôbre ela, onde êle procura esculpir a carga sonora de sua predestinação.

Em carta datada do Recife, de 15/8/64, disse-me Regina: "... sua situação é trágica: está desde o dia 26 de julho em uma cela de cimento batido, áspero, cheio de saliências ponteadas, que mede exatamente 9 palmos de comprimento por 4 de largura. Nos primeiros dias dormiu no chão puro mas como o calor humano existe também por lá, principalmente entre os menores, arranjaram-lhe uns jornais velhos e uma túnica surrada que atualmente é sua cama. Sol não se vê, nunca. Dá para um corredor escuro de 50 centímetros de largura. Às 4 da tarde já é noite. Para descansar, êle fica de pé, pois passa o dia inteiro sentado, imobilizado. Nem um lápis, nem um papel, nem um livro. Fala horas e horas sozinho, para poder passar o tempo. Foi agredido fisicamente, a pauladas e pelas costas. Não toma banho, não faz a barba, não corta cabelo. Mas não reclama nada. Não consegue odiar ninguém. Seu ódio é contra a engrenagem, a máquina. Tem resistido heróicamente, lúcido e tranqüilo. O moral elevado e altivo pois tem a consciência em paz e a flama interior que não se apaga um só minuto."

Cinco dias depois ela me escrevia: "A salvação para êle é a sua causa. A sua grande paixão. Agora, por exemplo, está se realizando

com ela, por ela e para ela. Por dentro está feliz e iluminado."

A 23 do mesmo mês, entre outras coisas, êle próprio me dizia de seu túmulo: "Todos nós somos no fundo uns suicidas." Era o consentimento pleno, a sã afirmação, codificada por seu misticismo transbordante, de se saber levado ao sacrifício, sem amargura nem revolta. Ele, que nunca abdicou de sua lucidez, se salva de sua angústia existencial, essa angústia do homem, que vem da certeza de se saber limitado entre o leite e a cal, quando se lança irremediavelmente no campo da luta, chão de um altar, onde, se preciso, inclinará sem medo a cabeça sob o cutelo, para o definitivo despertar de uma morte que perde o trágico sentido metafísico para significar uma etapa a mais do processo dialético.

A aceitação tranqüila do tratamento desumano e das humilhações a que se viu exposto, da tortura que lhe infligiram, o suplício medieval de se sentir enterrado vivo, imobilizado, noites e dias a fio; o conformismo severo, até demais, a atitude desprendida, o oferecimento dêle mesmo, sereno, lúcido, se dando na plenitude de sua consciência de revolucionário, sem pena nem recriminação, sem revolta nem ódio, na doçura selvagem de seu gesto que pode ser protesto e é lição, que transparece

canto tarjado e é grito de vida, lampeja suicídio, um suicídio dirigido, talvez absurdo, talvez não, porque implica aquela atitude ética, reconhecida por Bergson como “moral dos líderes sociais” que coexiste ao lado da moral dos heróis e dos santos, classificada pelo filósofo francês como “moral de aspiração ou moral aberta”, constituindo com a “moral de presença ou moral fechada” as duas fontes da moral.

Daí se entende ter sido êle o único a fazer, entre as grades, a sua profissão de fé ideológica, não se condenando à inexistência, a ninguém dando o direito de acusá-lo de se haver furtado ao compromisso, levado pelo medo de alienar a liberdade, nesse instante perdida. Essa profissão de fé, êle a repete nesta carta, e faz mais, muito, muito mais, quando aconselha sua filha a que também o faça. A partir daí, dentro do absurdo de uma realidade que o aprisiona em suas teias rotuladas de solidão e silêncio, só faz crescer.

No seu comportamento estruturado nos laços de um humanismo fundamentalmente marxista e sobretudo cristão, encontramos a resposta à pergunta que centenas e centenas de bôcas formularam: — “Por que Francisco Julião não se asilou?” Resposta que êle dá agora, aqui, prestação de contas de um líder à vasta massa que nêle confiou, — os milhões

de camponeses e assalariados agrícolas que êle organizou politicamente, dando-lhes consciência de classe. E é essa a sua importância maior, que ninguém neste País, em são juízo, lhe poderá tirar. Defendendo a necessidade de uma reforma agrária democrática, a Reforma Agrária Radical, — desafio ainda sem resposta — Francisco Julião continuará de posse da bandeira cujo pano êle próprio teceu, recortou e embrasonou com o acento perfeito do seu idealismo, construído da esperança sem fronteira e da coragem irrefutável.

ATÉ QUARTA, ISABELA, relato das aventuras de quem preteriu a segurança do asilo diplomático pela certeza da fome, do frio, do trabalho duro e do cárcere, por amor de seus irmãos humildes, é realmente uma carta de amor, dêsse amor que é, segundo êle, “oferta permanente e renúncia de todos os dias. Ou mais do que isso, porque é dádiva e humildade.”

WANIA FILIZOLA

Até quarta, Isabela!

*Minha paisagem será  
madrugada sem você*

IVAN TOPTARD

ISABELA:

**E**STA É UMA CARTA DE AMOR, sòmente de amor, que te escrevo do cárcere, na esperança de que um dia, daqui a dez anos, já possas lê-la e entendê-la no seu conjunto e em cada uma de suas partes. É uma carta longa como nenhum pai escreveu jamais a uma filha que tem como tu, dois meses de idade.

Nela não encontrarás uma só gota de ódio ou de amargura. É uma carta de amor, somente de amor, quero repetir com ênfase, dizer bem alto, dêsse amor todo feito de oferta e renúncia, de dádiva e humildade. Ao escrevê-la, penso em ti como mais uma fonte que se veio juntar à imensa caudal — a humanidade — mas penso também nela, de que és, agora, parte integrante.

Falarei assim, do amor que me une a ti e me une à humanidade. Procurarei ser o ponto de encontro entre ti e ela. Por isso falarei de mim, também, das minhas reminiscências, dos meus sonhos, dos meus vôos, das minhas quedas, dos meus encontros, das minhas fugas, das minhas viagens, dos meus pensamentos. Verás, assim, que também amo a mim mesmo com êsse mesmo amor que é oferta permanente e renúncia de todos os dias. Ou mais do que isso, porque é dádiva e humildade.

Escrevo-te na esperança de um dia ler-te de viva voz esta carta, assim que puderes discernir as coisas e entender o mundo, e também porque posso partir antes de alcançar êsse dia. Quero que esta carta não encerre apenas um testemunho ou um depoimento mas seja uma definição que poderás, ou não, aceitar. Um caminho que poderás, ou não, seguir.

É que irás colher ao longo da vida, muitas definições e conhecer muitos caminhos. Cabe a ti, como coube a mim, a iniciativa de buscar a definição e encontrar o caminho. Só não debes te perder dentro de ti mesma como a árvore que permanece solitária no deserto, uivando ao vento. Ou te fechaes em ti como a concha do fundo do mar que só se abre para abrigar a alga e expelir o nojo.

Embora haja quem se conduza como essa árvore e essa concha, somos mais do que isso. É que a árvore quando dá frutos não os dá senão à terra para que nasçam outras árvores e mais frutos se multipliquem. Nós temos que lhe tomar os frutos como tomamos a concha em nossas mãos. Ao passo que tu e eu e todos que amamos, nós nos damos, nos doamos, nos ofertamos sem precisar que alguém nos tome. Creio que foi isso que São Paulo recomendou em carta aos filisteus.

É com êste amor que te escrevo como foi êste amor que te fêz nascer e êste mesmo amor que me trouxe ao cárcere. Poderás não encontrar aqui, e certamente não encontrarás, tôda a verdade mas aquilo que tenho como a minha verdade. Diria que irás defrontar a verdade que julgo ser verdade pois é aquela em que creio, desde que a sinto, desde que a

apalpo, desde que a vejo dentro e fora de mim.

Só te peço que a confrontes com as outras verdades, com a tua verdade e, por êsse confronto, me julgues.

## II

Começarei por falar de ti mesma, esta verdade viva que eu sei que existe, não só na minha imaginação como um substantivo abstrato, mas fora dela, como um ser. Isabela não é apenas uma palavra. No instante mesmo de tua concepção êste nome se incorporou a ti. Deixou de ser abstração. Passou a ser realidade. Tu és uma verdade. Eu te quis assim: branca da côr de uma escandinava, de rosto mongólico e de olhos azuis. Além disto, te quis mulher. E tu vieste exatamente como te sonhei antes e depois de tua concepção. E ainda trouxeste os cabelos vermelhos. Deverias ter nascido no Recife. Poderias ter nascido em uma Embaixada. Ou no México. Ou na Jugoslávia. Ou na Bulgária. Mas nasceste em Brasília, no último dia do mês de maio. De uma cesariana. Como filha de Anita, nome que traduzido sentimentalmente para o grego, quer dizer Eneida.

Dois dias depois, um mensageiro me levou a notícia. Um camponês de Goiás, Anísio, rijo como os troncos que eu trabalhava todos os dias, de machado em punho, reduzindo a achas para o fogo. Foi ao cair da tarde, de uma imensa tarde como as de Brasília, que costumam a morrer. Findara a faina na casinha que eu construía para ti à beira do *Baúzinho*, um riacho que corre no deserto onde busquei exílio, e vai se juntar três quilômetros abaixo com dois outros do mesmo tamanho para rumar em direção ao Tocantins. Ali, onde Minas, Bahia e Goiás se encontram e se separam fui esperar-te, sabendo que tu eras a vida que se renova, o canto que não acaba, o pássaro que alça vôo, a esperança que retorna. Que poderia dar-te, a ti, carne de minha carne, sonho do meu sonho, naquele deserto onde se poderia marchar trezentos quilômetros, na mesma direção, sem se avistar uma única habitação?

De mim mesmo dar-te-ia os braços e os longos e silenciosos passeios. Uma lareira rústica dar-te-ia calor nas noites que são frias. Pela manhã terias o sol e à tarde uma orgia de côres. E terias o tropel de cavalos em manadas, desafiando o vento. O ruído das árvores, ou o grito das araras recortando cada crepúsculo e durante o inverno, sob o frio intenso, o uivo dos lóbos de olhos côr de brasa.

Contudo, o melhor terias de tua mãe, sua cantiga triste de uma nostalgia incurável, de uma saudade impossível, que já dura três mil anos, desde quando partiu de túnica transparente, as sandálias tocando levemente o chão, os cabelos horizontais, as mãos cheias de uvas e rosas para galgar a Acrópole.

Ali, naqueles cinco alqueires de terra goiana, de uma espantosa fertilidade, brotariam pelas minhas mãos que começaram a calejar, as hortaliças, depois as rosas, as espigas de cabelos vermelhos como os teus, as tuberosas de miolo alvo como a tua pele e, por último, os frutos, os do trópico e os do além-mar. Tu crescerias entre essa seara. Tua cabrinha te faria todos os dias uma visita matinal. Tudo isto, Isabela, fôra concebido e planejado com os poucos recursos que ainda dispunha quando tive o meu mandato parlamentar cassado e os direitos políticos suspensos por dez anos.

Tudo isso, Isabela, eu levei naquele dia dois de junho para o jirau, erguido no canto da choupana, coberta de palhas de indaiá. Com a pequena mensagem que anunciava a tua vinda, entre os dedos endurecidos pelo cabo do machado, vendo morrer a chama que os outros companheiros, adormecidos, já não alimentavam, foi assim que adormeci.

No outro dia, três, pela madrugada, quinze homens armados de metralhadoras e granadas de mão cercaram a choupana e me levaram sob o olhar sinceramente triste — mais triste que espantado — dos cinco companheiros que lá permaneceram.

Marchamos muitos quilômetros a pé. Do lombo do chapadão olhei para trás. Nada mais vi. Tudo era névoa. Névoa da manhã ao longo do *Baúzinho* que já se perdia na distância. Névoa na imensa várzea. Névoa nos meus olhos. E me lembrei daquelas palavras do Profeta de Gibran, no momento em que tomava o navio, abandonando a ilha que êle tanto amara: “A madrugada nunca encontra os homens onde o crepúsculo os deixou.”

### III

Agora vou te explicar porque tomei a decisão de permanecer no Brasil: quando estudares um dia o capítulo da singular história que estamos vivendo, irás perceber, de saída, uma controvérsia. É sôbre a data exata do início do movimento que depôs o Presidente João Goulart. Querem os vitoriosos que a sua revolução date de 31 de março. Os que fica-

ram contra, afirmam que é de 1.º de abril. É uma questão que não está elucidada ainda. No futuro será mais difícil resolvê-la, tão grande é o acervo de documentos a ser examinado. Para mim, pouco importa. Não será uma data que modificará o curso da história. Acho mais correto chamar esta "revolução" (são minhas as aspas) de Movimento Militar de Abril porque foi no curso dêsse mês que êle se desenvolveu, atingindo seu ponto extremo no dia 9 quando foi editado o Ato Institucional, consolidado seis dias após, assim que o nôvo Presidente, eleito pelo Congresso, tomou posse. Uma coisa, Isabela, não aceitamos: que se chame a êsse Movimento de Revolução. A palavra revolução perderia o seu significado para adquirir outro sentido que nenhum dicionário registra. Tudo não passou da queda pura e simples de um govêrno de raízes populares para dar lugar ao aparecimento de outro, de origem militar. Houve um golpe de Estado, não uma Revolução. Uma Revolução implica em mudança profunda, em transformação radical da estrutura política, econômica e social de um povo. Isso não houve. Darei exemplos para que possas melhor compreender. Uma Revolução pode ser total ou parcial. Ela é total quando atinge radicalmente a estrutura interna de uma sociedade ou de um regime.

Exemplos: a Revolução Francesa, de 1789, que pôs abaixo o feudalismo, simbolizado na fortaleza da Bastilha, proclamando os direitos do Homem e do Cidadão ou a Revolução Russa de 1917 que banuiu o tsarismo e o capitalismo, dando início à primeira sociedade socialista do mundo. Ela é parcial quando destrói pela base, um pilar de um setor apenas da vida de uma sociedade. Exemplos: a Revolução Industrial Inglêsa que feriu de morte o artesanato e deu início à expansão e consolidação do capitalismo, de um lado, e de outro, ao aparecimento em forma mais alta e organizada da classe operária. A Abolição da Escravatura Negra, no Brasil, mediante uma lei com dois artigos, síntese de uma luta que já durara um século, confiscando pura e simplesmente aos proprietários de terra e outros senhores, inclusive a Igreja de quem Nabuco tinha queixas amargas, o decreto consagrado plenamente pela lei e pela ordem então vigentes, de explorar o trabalho servil de quatro milhões de negros.

Quando te iniciares, um dia, no estudo da Sociologia e da História, encontrarás muitos e muitos exemplos.

Os corifeus do Movimento Militar de Abril sustentam que a sua Revolução se fêz para deter a corrupção administrativa (embora na sua crista tivessem subido corruptos

consagrados) e a subversão da ordem. De ambas estas questões trataremos já que fui prêso e estou sendo processado como um dos responsáveis por uma ou outra coisa. Mas quero desde logo que tu saibas que, em matéria de corrupção, não temo confronto com quem entre os que caíram e os que subiram, se apresente limpo como a eterna neve do Everest. Quanto à subversão da ordem vou discuti-la, tranqüilamente, no processo e nesta carta, como verás adiante, já que a sua conceituação não é fácil e a sua definição implica em fórmulas subjetivas, vagas e gerais que variam no tempo e no espaço.

Retornando ao tema inicial dêste capítulo: foi no dia 26 de março, atento a um telegrama de tua mãe que rumei para Brasília, partindo do Recife. Ia votar, como votei, nos primeiros dias de abril, o projeto de anistia a favor dos sargentos e civis, implicados no Levante de Brasília. A falta de número para a votação me reteve em tua cidade natal. Por isto os acontecimentos me surpreenderam lá. Pude testemunhar o entrevêro dentro e fora do Congresso, tomando a posição que me pareceu mais correta, consentânea com a minha consciência de revolucionário e de patriota. A sete de abril, o senador Aarão Steinbruck, vendome entrar na Câmara para a sessão da tarde,

disse-me que eu poderia ser prêso a qualquer momento, acrescentando:

— Procure uma Embaixada. O seu e o mandato de outros parlamentares serão cassados logo mais. Não há garantias!

Sabendo do risco que corria fui a plenário e em longo aparte ao Deputado Tenório Cavalcanti, reafirmei a minha posição contrária ao Movimento e fiz, para que constasse dos anais daquela Casa, a minha profissão de fé marxista, com tôda tranqüilidade.

Para que tu sintas e saibas, meu amor, que o homem é um ser total ou deve sê-lo, aceita o marxismo como filosofia de vida.

Finda a sessão, naquele dia, rumei para onde estava Eneida, aceitando o amável oferecimento que me fêz de seu carro, que era da Câmara, um homem a quem muito respeito pela sua compostura e dignidade — Aduauto Lúcio Cardoso. Guarda bem êste nome. Pode-se divergir dêle e eu divirjo mas temos de respeitá-lo.

Ao deixar pela última vez a Casa do Congresso, vi diante dela os tanques que vieram “garantir” o seu funcionamento e assegurar a tranqüila “eleição” do nôvo Presidente, um marechal do Exército. O episódio lembrava aquêle outro, ocorrido há quase século e

meio, quando Pedro I dissolveu a Câmara, guarnecendo-a de canhões, o que deu ensejo a que os Andradas, que eram deputados, reverenciassem essas peças como se fôsem sua Majestade. Quis lembrar o episódio a Adatao, — prenome de meu pai — mas êle cortou meu pensamento e envolvido talvez pela visão do crepúsculo, disse:

— Esta cidade deveria se chamar Belo Horizonte.

Mal sabia êle que no mesmo instante fui assaltado pela idéia de deixar Brasília e rumar para Belo Horizonte. O plano amadureceu naquela mesma noite em que meu quarteirão foi cercado. Vesti-me de *candango* e parti com a madrugada. Com as botinas de um, a roupa de outro, o chapéu de um terceiro. Eneida desceu com uma garrafa vazia na mão como quem vai buscar o leite, levando-te no ventre, e viu que eu podia partir. Podes imaginar a sua angústia. Só esperei pela primeira leva de *candangos*. Misturei-me a êles, tomei o rumo do aeroporto e em seguida da BR-6. Levava comigo uma saudade e uma imensa vontade de viver. Por ti. Por Eneida. Pelos teus irmãos. Pelos meus. Pelos humildes. Pela Pátria. Bastaria um só dêses motivos para eu ficar mas foi por todos êles que fiquei. Sem uma gôta de ódio, de arrependimento ou de amar.

gura. Foi o amor que me reteve. Porque é êle e sòmente êle que me faz viver, que me guia os passos, que me trouxe ao cárcere. Era o dia 8 de abril.

#### IV

No dia seguinte, chegava a Belo Horizonte, às 3 e meia da tarde. Saltei na Avenida Antônio Carlos e caminhei a pé durante uma hora pelas ruas recortadas e coloridas e descansei em um de seus parques, à sombra das árvores, lendo os jornais do dia. Um dêles noticiava que eu me homiziara no anexo da Câmara onde dormia e fazia as refeições. Um outro trazia uma foto do interior do apartamento de Eneida, incendiado e a notícia de que ela se encontrava em Belo Horizonte e dera à luz um menino.

Estive no centro da cidade que se preparava, oferecendo a sua mais bela praça, feèricamente iluminada, para receber, logo mais, os dois comandantes do Movimento desencadeado em Minas, o civil e o militar, o governador Magalhães Pinto e o general Mourão Filho. Matei a fome em um bar e voltei à grande praça onde se concentrava, delirantemente

feliz, explodindo em aplausos, a burguesia alienada do grande estado e sua classe média mais rica.

Ali não vi os favelados de Padre Lage, nem os ferroviários de Vânia Santaiana ou os camponeses de Chicão. Postado no meio da gente mais bem trajada de Belo Horizonte, com meu chapéu desabado sobre a testa, o lenço no queixo, um esparadrapo em cruz em uma das faces, ouvi todos os oradores e concluí que a classe média, de fato, apoiara o Movimento, fizera a sua revolução, cumprindo no seu imediatismo inconstante, a destinação histórica de criar o monstro para devorá-la. Assim foi na Itália de Mussolini, na Alemanha de Hitler, na Espanha de Franco, em Portugal de Salazar. Assim será entre nós se o militarismo não puder ser contido pelo civilismo.

Saí dali para uma modesta pensão onde redigi um manifesto sob o calor dos acontecimentos e, pouco depois, pela imprensa, soube haver sido publicado em *La Marcha*, de Montevideu.

A dona da pensão com seu ar maternal ajudou a curar-me da fadiga de uma longa marcha, a pé, para a qual não estava preparado. Eu era o *senhor Antônio*. Quando a deixei, uma madrugada, ela ainda na porta, com

seus cabelos grisalhos, o rosto marcado pelos anos, olhar de quem sofrera muito, recomendou-me sobre os batedores de carteira que abundavam na cidade, que eu tivesse muito cuidado, e concluiu:

— Meu filho, vá com Deus. Volte quando quiser.

— Obrigado, dona Elvira, um dia eu voltarei . . . E me contive para não beijar-lhe a mão, como se fôra a de minha mãe, já morta. E me fui. Era mais uma madrugada e mais uma fuga. Um táxi levou-me a Sete Lagoas, terra do Deputado João Herculino, o mais exaltado janguista que conheci na Câmara, com o mandato poupado para o bem de Minas. O motorista que me levou, jucelinista apaixonado, estava contra o golpe e não daria mais seu voto a ninguém. De Sete Lagoas parti para um recanto qualquer do interior de Minas, voltando depois para Brasília e daí para o *Bauzinho*.

No interior de Minas, um camponês foi quem me agasalhou. Era um homem descarnado e triste como todos na região, a prole numerosa, a comida escassa e a roupa mais escassa ainda. Aos poucos, no curso das longas conversas ao redor do fogo que afugentava o frio cortante do cerrado, xará pra lá, xará pra cá, descobri essa coisa espantosa: o cam-

ponês de Minas é ainda mais desgraçado que o do nordeste. Além da fome crônica e de tôdas as doenças de carência alimentar do nordestino, possui como companheiros inseparáveis o frio, o barbeiro e o bócio endêmico. É mais parado. Se faltam o arroz e o toucinho é como se ao nordestino faltassem a farinha e o charque. Recorre ao piqui e ao buriti. Tem de caçar. Busca a beira do regato de onde recolhe quase sempre o piau. Ou se deixa imolar pela fome enquanto cresce sua fé em Deus. No íntimo é um revoltado. Aponta para a imensidão de terras e diz:

— Ai de quem tocar nelas! Tudo tem dono . . . Já ouviu falar vagamente em sindicato. Na região ainda se paga Cr\$ 300,00 por dia de trabalho. E um quilo de toucinho custa Cr\$ 1.000,00. Não sabe por que se fala tanto em revolução. Não se interessa por ela mas pelo toucinho. Pede-me que eu leia a escritura sagrada já que trago uma nas mãos. E eu leio. Moisés. Isaías. O Rei Salomão. O Sermão da Montanha. São Paulo. Quer convidar seus compadres e amigos, gente de uma légua, de cinco, de dez, para escutar. Peço-lhe que deixe para depois. Um dia, quando acabo de tomar o café que eu mesmo faço e lhe ofereço na caneca de ágata, me chama a um canto e me diz em tom de segrêdo:

— Xará, você não tem cara de criminoso, não. Você é um homem bom. Mas há um mistério em sua vida.

Não diz *você*, mas *ocê*. Não diz *bom* mas *bão*. Jura em nome de Deus e da honra das filhas que guardará reservas. Penso comigo: “Quem tiver o seu segrêdo não conte a camponês”. Mas há os que guardam. Sobretudo se também nos guardam. Disse-lhe o que podia ser dito. Ficou mais cauteloso até o dia de minha partida quando o vi de olhos rasos de água, de mãos trêmulas, dez anos mais velho do que a idade que dizia ter.

— Xará, você devia ficar. Aqui é mais seguro.

Sorri para êle, abracei-o e me fui. A família ficou no terreiro com seus trapos e suas tristezas, dando adeus. Joana, de oito anos, a que mais se afeiçoara a mim, tinha os olhos grandes e doces e o cabelo prêto, estirado e a pele bronzeada. Era uma índia. O tempo não apagará de minha retina o gesto de sua pequenina mão, estendida para mim nem os meus ouvidos esquecerão jamais a única palavra que me dirigiu com a voz lenta e já resignada de menina sem futuro:

— Bênção . . .

Senti-me como se fôra seu pai, como se fôra o pai de tôdas as Joanas e Marias e San-

tanças, perdidas na imensidão de minha Pátria, esperando pela puberdade que chega logo, pela mocidade que passa como um arrepio e a velhice que não tarda com a morte a ceifá-las, uma a uma, sem dó nem piedade, no silêncio do mato, debaixo dos prostíbulos e no chão dos hospitais.

Era mais uma madrugada. E mais uma partida. Pois bem, Isabela, foi por essa gente, sobretudo por ela que eu fiquei no Brasil. E vim parar no cárcere. Eu te falarei agora de um prêto chamado Monteiro. E também sobre meu pai.

Monteiro viveu alguns dias comigo, no cerrado. Era alto, sêco, e tinha olhos de agonia. Dormíamos à sombra de uma gameleira; eu, na rêde nordestina e êle sôbre um estrado de madeira, forrado com fôlhas de buriti. O fogo, junto, espantava o frio e um ou outro animal afoito. Êle tecia de fibras de tucum, uma linha que deveria ter 20 metros, para pescar dourado no Araguaia. Êle era quase tudo: cozinheiro, caçador, garimpeiro, é líder camponês na sua região. Não sabia ler mas conhecia a vida na palma da mão. Quase sempre voltava do cerrado com uma caça: uma anta, um tatu. Aprendi com êle a distinguir todos os rastos de animais e suas manchas. Ensinei-lhe o que sabia sôbre o mundo e as

estrêlas. Trocamos lições de coisas. Êle me falava da companheira e dos filhos, vivendo a cem léguas do cerrado onde fôra parar por uns dias. Ia em busca de um garimpo e de rio de águas grandes, para lançar a sua linha e arrastar os dourados de dez quilos. Seus suspiros iam mais para um menino que tinha como sua imagem e semelhança e para a companheira que lhe jurara fidelidade e firmeza mesmo depois de sua morte. Êle estava sendo caçado pelos jagunços e pela polícia. Tivera de fugir, de romper 50 léguas a pé, andando à noite pelas veredas e, de dia, dormindo e caçando nos cerrados. No mesmo dia em que eu parti, êle também se foi. Desconfio que seu nome não é Monteiro. Tinha um vago sorriso quando me chamava Antônio. Desejou que tu chegassem em paz e prometi que, um dia, te viria conhecer. O Brasil é imenso mas para dois homens que se tornam amigos não há distância. Nós nos veremos ainda.

Meu pai, êsse eu não verei jamais porque está morto. Três dias antes de partir de Minas, ainda no casebre do meu xará, um amigo de Pernambuco conseguiu chegar onde eu estava. Assumira por sua conta todos os riscos, despesas e incômodos de uma viagem longa, de dez dias, por terra, para levar-me a dolorosa notícia de sua morte. Recebi-o à sombra de

uma gameleira. Nada me disse ao chegar. E como estava muito fatigado e adoecera na viagem não estranhei seu rosto consternado. Ouvi seu relato durante uma hora, entremeado de coisas alegres misturadas às más, as boas notícias.

— Como deixou meu pai?

— Enfêrmo.

— Coisa grave?

— Sim, foi hospitalizado.

— E o seu aniversário?

— Não assisti. Parti antes.

— É a primeira vez que passo seu aniversário fora. 86 anos! Tínhamos programado um encontro de todos. O meu pressentimento é que seria o último. No mesmo dia de seus anos, 15 de maio, escrevi aqui, debaixo desta gameleira, um poema para êle. Estava pensando como mandá-lo. Vou ler para você.

Abri o caderno e li. Finda a leitura disse-lhe:

— Você vai ser o portador dêste presente. Foi quando êle me respondeu:

— Chegará tarde...

— Então é assim tão grave o estado dêle?

— Seu pai está morto desde o dia 10.

Esta é a missão que me trouxe aqui.

Detalhou-me tudo. Meu pai também partira, Isabela, sem te conhecer. Um repórter,

um bom cristão, sem dúvida, na sua missão de anunciar tudo, incluía no boletim do dia a notícia do meu assassinato. Meu pai não suportara o impacto. Amigo que sempre foi de todos os seus filhos, seu coração sensível e delicado partiu-se ao meio. Que faltava mais a "revolução" me tirar? Faltava meu pai. E levou, também, o pobre velho. Não pude enterrá-lo, como sempre pensei que pudesse fazê-lo. Como fiz com a minha mãe: no pequeno e maltratado cemitério de Bom Jardim, uma cidadezinha de duzentos anos, que murchou de velha antes do tempo. Deixou-me duas relíquias: a sua aliança de casamento e o lenço branco que lhe cobriu o rosto. Tôda a sua fortuna: 40 hectares de terra para cada filho. E a herança maior, a grande herança, essa que a ferrugem do tempo não acaba nem os ladrões podem levar: seu nome inconfundível e honrado — Adauto Barbosa de Paula — o Major Adauto, da *Espera*.

## V

O cárcere! Enquanto marchava para êle, pela mesma estrada que, dias antes, percorrera buscando o *Baúzinho*, pensava exatamente nis-

to que te vou contar. Partia desta indagação: "Não teria sido preferível o asilo generoso em uma embaixada de um país amigo? Por que rejeitar os apelos e oferecimentos feitos na hora em que tudo isso era tão fácil?" E via o quadro: o encontro com outros asilados entre êles alguns cuja companhia me seria grata e honrosa, a expectativa da partida, os preparativos, o avião me conduzindo para longe, para outro céu que não seria o de minha Pátria. Já viajei muito, Isabela. Adolescente, imaginava que um dia, não sabia como, conheceria o mundo. Sonhara com a Itália, com a França, com a Grécia depois com o Egito, a União Soviética, a velha China. À exceção da Grécia e do Egito conheci todos aqueles países e uma dezena a mais. Acontece que essas viagens eu as fiz, querendo, com a data marcada para o regresso, mas nunca como exilado. Confesso-te, até, que existe na Europa um país onde poderia viver, um ano ou até mais, tranqüilo e feliz. Mas repito, nunca como exilado. É um país pequeno que se percorre de automóvel em uma semana. É uma casa bem arrumada. Tem um grande povo. Não se dobra uma só página de sua história sem que não se assinale um feito heróico. O inimigo, muitas vezes superior em poderio bélico, o devastou, saqueando, matando, sub-

jugando, durante anos e até séculos, mas não quebrou a unidade da raça, da língua, do culto aos antepassados, do amor à terra. Não sei de exemplo mais tenaz em coragem e resistência do que aquele que colhemos dos búlgaros. Sim, porque me refiro à Bulgária. Dez dias apenas de permanência entre aquela gente enérgica e afável, percorrendo as suas rodovias magníficas, ladeadas de roseiras e parreirais, visitando as suas velhas cidades, vendo o seu surto industrial e as suas cooperativas agrícolas, tomando banho em suas termas, saboreando a sua coalhada que é a melhor do mundo, em grandes tigelas sôbre rústicas mesas de madeira pesada ou repousando à margem do mar Negro, nos hotéis moderníssimos ao lado das ruínas que guardam a marca de civilizações milenares, não há quem não se apaixone por êsse pequenino país e não compreenda as razões de tanta resistência e de tanto heroísmo durante séculos e séculos de lutas desiguais com outros povos. A fisionomia tranqüila e séria de um de seus filhos, entre os maiores, Dimitrov, que eu vi dormindo para sempre no Panteão, em Sófia, é a síntese de todo êsse passado que explica porque êsse operário pôde demolir com a sua dialética que soara como um martelo de ouro, a chantagem cuidadosamente armada por Adolf Hitler, no episódio do incên-

dio do Reichstag. Metido em ferros, no fundo de um calabouço, isolado do mundo, defrontou-se Dimitrov, em um tribunal que era uma farsa, com o Marechal Goering, a quem inflingiu tremenda derrota que forçou o poder nazista a libertá-lo. Marca bem êsse nome: Dimitrov. Foi um momento alto da humanidade. Pois bem, minha filha, eu não trocava jamais o *Bauzinho* com a sua natureza selvagem, onde tudo está para ser feito, para viver como exilado na Bulgária, onde tudo já se fêz. Tinha todos aquêles motivos, de que falei, para ficar. E fiquei. Sempre admiti que mais cedo ou mais tarde viria a ser prêso. Há sempre alguém que, na melhor boa fé, bate com a língua. Uma palavra, depois outra... É o "dedo duro" que o Movimento Militar de Abril criou, instituindo a delação oficial, recomendada administrativamente, vergonhosamente, estabelecendo a perseguição arbitrária dos que permaneceram no campo oposto. Assim foi na Alemanha e na Itália onde começou sendo apontado o comunista, depois o judeu e, por último, o amigo, o irmão, o pai, a mãe. Lá foi o medo. Aqui foi o sadismo. Mas o sadismo pode se transformar em medo se involuirmos da "democracia autoritária de centro-esquerda" para a ditadura militar de direita. Entre nós, a imprensa noticiou casos de delação em família,

chamando a atenção, entre outros, para o caso do pai do Paraná que não hesitou em denunciar o próprio filho. E ninguém mais poderá sem tristeza maior e maior vergonha lembrar o caso do menino soviético, delator do pai, no ocidente transformado em estátua para que da memória de todos não se apagasse aquela aberração de regime.

Precisamente nessas coisas eu pensava no percurso entre o *Bauzinho* e Brasília. Mas tive de interromper os meus pensamentos. Estava agora, diante do Coronel Serra, Chefe de Polícia de tua cidade. Um homem franzino, moreno, de cabelos grisalhos, o ar afável, de fisionomia invadida por um grande cansaço. Nos olhamos durante uma fração de minutos. Em seguida alguns dados para o registro do "feito" e, logo após, a imprensa, ávida como uma piranha. Fotos e perguntas, umas inteligentes, outras estúpidas para alimentar a fome do povo que, hoje também, procuram enganar com essas coisas. Finalmente o Batalhão de Caça Presidencial, o BCP, onde o sargento que me escoltara desde o *Bauzinho*, bricalhão e cheio de *bossa*, denunciando logo o carioca que desceu do morro, me apresentou ao Subcomandante. Tenho gravado o diálogo entre os dois. Sargento perfilado:

— Apresento-lhe o Deputado Francisco Julião.

Subcomandante, sério, sem me olhar:

— Ex-Deputado. Cidadão Francisco Julião.

Nem o sargento nem o Subcomandante perceberam que, ali, não me sentia nem como o deputado nem como o cidadão mas sim o camponês Antônio Ferreira da Silva, de Baturité, Ceará, que trabalhava como ajudante de pedreiro, construindo uma casinha para ti, Isabela. Estava nas vestes rústicas, nas mãos calçadas, na pele queimada, no rosto tranqüilo mas estava sobretudo dentro de mim, na compostura e humildade com que enfrentava a nova vida, a vida do cárcere. Nem o sargento, nem o Subcomandante, nem o Tenente-Coronel, podiam perceber isso.

Seu mundo era outro.

## VI

Vivi exatamente 21 dias no BCP. Minha cela tinha o n.º 5. Era a última de um estreito corredor. Como as outras, dispunha de pia, latrina e um bico de cano alto por onde corria o jato de água fria. Uma clarabóia, combrogó,

como se diz na minha terra, deixava escoar a luz de que me nutria para ler e escrever. Sim, porque no BCP tive acesso a alguns livros da Biblioteca Militar, a *Toponímia Brasileira*, o *Marques de Paraná*, *O General Leclerc* etc., além de papel e tinta. A cela media exatamente 14 palmos de comprimento por 7 de largura e era limpa. Deram-me dois colchões e três mantas que me defendiam bem do frio. Havia uma sentinela sempre à porta com recomendação para não conversar comigo nem permitir isso a outros presos. Tudo muito rigoroso. A comida era a bóia que se servia em todos os quartéis do país aos soldados — farinha, feijão, arroz e uns pedaços de charque de má qualidade. Não sei se o mesmo ocorre na Aeronáutica e na Marinha. Essa comida monótona e de inferior qualidade gera descontentamento e revolta que o Regimento Disciplinar abafa. A má comida não faz o bom soldado. Os nossos generais ainda não atentaram para aquelas palavras verdadeiramente sábias de Maquiavel: “Vai-se ao coração pelo estômago”. Ou a célebre sentença de Napoleão: “Os exércitos marcham sobre estômagos”. Alegam deficiência de verbas. O argumento não convence. Todos os pracinhas com quem conversei no BCP, vindos de São Paulo ou do Paraná, afirmavam a uma só voz que dispensavam qualquer outro con-

fôrto contanto que comessem bem. Nenhum dêles pensava em engajar-se. Preferiam a vida dura lá fora, a vida incerta, a permanecer no quartel com aquela comida e aquela disciplina que tinha como base o mêdo da punição e nunca o respeito ou a admiração pelo superior.

O Exército terá de passar por uma reforma radical se quer ser um Exército tranqüilamente disciplinado. O material humano se ressentia de defeitos espantosos. Os jovens recrutados levam para a caserna vícios como os da maconha, da cachaça e do baralho, além dos recalques e frustrações que a sociedade, como ainda está construída entre nós, sôbre a base do lucro fácil, da fortuna ilícita, da acumulação de riqueza de um lado, às custas do sacrifício e da miséria de milhões e milhões, do outro, termina por impor aos deserdados e humildes. A reforma, portanto, tem de ser total, profunda, radical, como costume dizer, partindo da própria sociedade, da qual o Exército é um reflexo e uma expressão, a sua expressão armada.

Mas voltemos à *bóia*. Deram-me a bandeja sem talher e tive que comer com as mãos. Voltava ao estado primitivo em que o homem fazia de cada mão um garfo e dos dentes, a faca. Enquanto misturava a farinha, o feijão, o arroz, formando um bôlo, dei um salto de

quarenta anos para trás, rompi mais de mil léguas na distância e no tempo, me vi aos 9 anos, em minha casa, também comendo charque, feijão e farinha. A diferença é que agora a comida era fria, o charque péssimo. Naquele tempo o prato era feito carinhosamente pela minha mãe preta, o charque do melhor, tudo servido bem quente à sombra de Juazeiro onde os pássaros viviam em festa durante o dia. Outro, sem dúvida, reclamaria, deixando a comida de lado. Talvez fizesse a clássica greve da fome. Mas eu não tenho vocação para mártir. Se tenho de imitar alguém não há de ser Gandhi com tôda admiração que lhe devoto. Imitaria o exemplo do pracinha, atento à regra de que a fome tem mais fôrça do que um sermão. Comer pelo menos o suficiente para não cair sem fôrças. Não tardou que me trouxessem a comida que se serve aos sargentos: feijão, arroz, farinha de melhor qualidade e bife de carne verde. Também não varia. Dividi sempre o meu prato com os prisioneiros que ali estavam pelos mais variados motivos — atos de indisciplina, deserção, embriaguez.

Os presos políticos ocupavam um xadrez em outro corredor. Íamos ao banho de sol no grande pátio interno do quartel, junto ao mastro da bandeira mas todos estavam proibidos de conversar comigo.

Ficava deitado, vendo o imenso céu muito azul, apenas habitado pelo sol. A carícia quente, no rosto, quase me fazia adormecer. Mas de olhos abertos, acompanhava os urubus, altíssimos, calculando a distância em quilômetros, que me separava de ti, Isabela, e de tua mãe que não sabia se continuava viva. A mensagem dizia que ela tomara uma transfusão de sangue e muito sôro. Que tudo fôra muito doloroso e difícil mas que estava felicíssima com a tua vinda e com as flôres que eu lhe mandara.

Pela clarabóia, à tardinha, me contentava com pedaços do crepúsculo. O sol, parecia tombar na direção do *Bauzinho*, onde uma casinha já meio levantada, te esperaria em vão. Acordava com o toque da alvorada mas não adormecia com o toque de silêncio. A noite dos encarcerados é mais longa que a dos que estão do lado de fora das grades. Os toques de silêncio entravam pela adentro e enchiam os meus ouvidos e me traziam pedaços de paisagens antigas. Eu não esquecerei nunca, Isabela, a imagem de um corneteiro, alto e bronzeado, que se demorou, mais tempo, uma noite, com seu toque de corneta. Foi a última que ali passei. Vinte e três de junho, a data para mim mais doce e evocativa do ano: a véspera de São João. Nem sei se viera da corneta ou se

partia do meu coração o fio invisível que me fêz recuar de nôvo; o quadro agora era diferente: no chalé que já não existe, rodeado de terraços, a imensa fogueira acesa, as portas largas, escancaradas, todos nós sentados à mesa que era ampla. Meu pai, minha mãe, os sete irmãos. As tigelas de leite e de coalhada, as travessas de canjica, os pratos de pamonha, de milho verde, os pés-de-moleque — permanente desafio ao nosso apetite insaciável. Comíamos muito e às pressas porque havia lá fora os fogos espocando, a magia da limalha, o encanto da noite em que as estrêlas sumiam no céu de chumbo, inundado de balões de luzes vermelhas e trêmulas, subindo de repente, caindo devagar. Aquêlê toque de silêncio me falava de muita coisa morta. Minha infância, o chalé, minha mãe, meu pai, meus irmãos.

Naquela noite a comida foi a mesma: feijão, farinha, arroz e charque. Para mim veio o bife dos sargentos. E uma colher.

Tu não sabes, Isabela, o que significa para um encarcerado, uma colher. Com ela a gente come, parte a carne e descasca a laranja que uma mão amiga nos oferta pela grade. O soldado traz sempre uma no bôlso. Pode esquecer o fuzil, a continência, tudo o que o Regimento ordena que não esqueça mas nunca se esquece de sua colher embora o Regimento silencie

sôbre ela. Por aí tu vês que alcançamos a civilização. A colher bem manejada desempenha o mesmo papel dos dois pauzinhos chineses que levam tudo à bôca — do grão de arroz à cereja ou à casca de pão do tamanho de uma unha. Na China aprendi a usá-los como agora uso a colher que antes supunha apenas destinada à sopa ou aos remédios. A colher merece um monumento. É digna de uma ode. De um canto. De um poema. E o caneco também. Sim, meu amor, ia esquecendo o caneco. Sem êle, o pão desce sêco. Sem o caneco a água é tomada na concha da mão. Posso te garantir que sem êsses dois utensílios não se vai à guerra pois são tão indispensáveis no campo de batalha como a granada e o canhão. Antes não dava nenhuma importância a um nem a outro. Mas agora dou. São meus companheiros indispensáveis.

## VII

Era a primeira vez que me via, de fato, no cárcere, mas era a terceira que me levavam prêso. A estréia foi durante o Estado Nôvo. Em 1939, aqui no Recife. O delegado da Ordem Política e Social, hoje Delegacia Au-

xiliar, Edson Mouray Fernandez, agora secretário do govêrno Paulo Guerra, mandou me buscar em casa. Os investigadores remexeram tudo. Escancararam as estantes. Abriram gavetas, viraram colchões e, depois de horas e horas de buscas só encontraram duas provas de minha subversão à ordem: *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre e *Jesus Cristo é um Mito*, de J. Balmes. Êste, um livro sem mérito. O outro, não. Tu deves lê-lo, Isabela, como deverás ler os *Sertões*, de Euclides e a *Minha Formação*, de Nabuco.

Naquele tempo, Gilberto Freyre era o Mestre, o Ídolo. Hoje é o solitário de Apicucos. Bastaria ter escrito *Casa Grande e Senzala*. Foi a sua fase autêntica em que fêz discípulos e levou o Brasil a se reclinar às margens do Capiberibe. Quando se distanciou da boa fonte para o luso-tropicalismo e outras incursões pelo mundo salazarista, Gilberto Freyre caiu como uma pedra no fundo de um poço. Há homens que deveriam morrer no momento exato em que atingem a sua *Montanha Mágica*. Ou, pelo menos, aí permanecer silencioso como um Buda de pedra. Nunca me devolveram meu *Casa Grande e Senzala*, em sua primeira edição, que eu lera e relera, anotando à margem das fôlhas. Há quem afirme que Edson Mouray o conserva entre suas preciosidades.

Prêso, aquela primeira vez, quem vou encontrar na Delegacia? Um amigo dos primeiros dias de colégio: Eurico Costa. Formara-se comigo naquele ano. Um jovem magro, nervoso, de oratória inflamada, um demolidor de mediocridades. Pintava e fazia versos com o mesmo desembaraço com que lia e interpretava *A Sagrada Família, O Estado e a Revolução, A Miséria da Filosofia, Que Fazer?*; Tinha Marx, Engels, Lênine, Rosa de Luxemburgo, Kautsky e outros nomes do mundo marxista entre o que lhe era mais familiar. Versava os filósofos gregos, os enciclopedistas franceses e os economistas ingleses, desde Ricardo. Devorava livros e sabia digeri-los. Foi êsse amigo quem me pôs nas mãos o *Anti-Düring*. Lendo-o e relendo-o, Isabela, fui acometido de febre. Recomendo-te como obra doutrinária, científica, filosófica, polêmica, corajosa, cujo estilo de uma vivacidade e clareza admiráveis põe ao alcance de qualquer um os temas mais áridos. Levei um dia e uma noite prêso. Meu amigo também. Juntos colamos grau. Ele foi o orador da turma. Isso em 1939, entre 120 bacharéis, das mais variadas tendências, com o Estado Novo no apogeu, a Segunda Guerra Mundial já declarada e o Primeiro Congresso Eucarístico, conduzido pelo Cardeal Leme,

atraindo para o jardim *Primeiro de Maio*, frente à nossa Faculdade, duzentas mil pessoas.

Quinze anos depois, o meu amigo era um homem já gordo, tranqüilo, com uma florescente banca de advocacia no Rio, às vésperas de alcançar uma cadeira de Juiz Substituto. Enquanto eu, o estudante pacato, que passou pelos corredores da Faculdade de Direito do Recife, como uma sombra, iniciava a minha carreira de agitador social, apaixonado pela questão agrária.

Não o vejo há mais de dez anos. Sei que é Juiz, que ainda pinta, que ainda faz versos nos fins de semana mas trocou Rosa de Luxemburgo por uma amorosa professôra de um subúrbio do Rio.

Minha segunda prisão foi em 1956. Já estava metido com os camponeses da Galiléia. Foi Jesus quem me prendeu, um capitão. É uma estória do tempo em que o general Cordeiro de Farias governava Pernambuco. Deixo de contar aqui êsse episódio porque o encontrarás em Gondim da Fonseca. Também te recomendo a leitura dêsse panfletário formidável que no manejo da língua e no dissertar dos fatos, possui como poucos um extraordinário poder de síntese. Só não deves te deixar levar pelo que diz êle de Monteiro Lobato. Gondim há de nos perdoar, a ti e a mim e a todos os

brasileiros, das crianças aos velhos que têm ou terão por Lobato a devoção do neto para com o avô. É que Lobato seria capaz de escrever tôda a obra de Gondin com o mesmo talento, a mesma verve, a mesma mordacidade e a mesma pureza da língua; mas Gondin, como qualquer outro escritor, seria incapaz de igualar Lobato em *Urupês* ou em *Cidades Mortas* e menos ainda nas estórias que êle escreveu para as crianças. Tu irás adorá-las.

Agora, estava prêso pela terceira vez, sem mandato, sem teus olhos, com os direitos políticos suspensos, cinquenta e dois mil cruzeiros na carteira, — tôda a minha fortuna em dinheiro — para responder pelos males que o País vem acumulando, desde que para aqui mandaram, a ferros, há mais de quatrocentos anos, o primeiro degredado português e o primeiro escravo africano.

No mesmo dia em que fui encarcerado, fui ouvido. Reuniram-se: o Comandante do BCP, um Coronel, o Subcomandante, um Tenente-Coronel e tôda a oficialidade menos graduada — capitães, tenentes — ávidos pelo meu depoimento. A sala para onde fui levado é imensa com móveis leves e bem dispostos, o soalho polido como um espelho, a iluminação mais do que suficiente para se enxergar um alfinete a cinco metros. Ofereceram-me uma ca-

deira em frente ao Coronel. Eu estava imundo. Cabelo e barba sem fazer há dois meses, botinas e roupa ainda com o barro do *Bauzinho* e com a poeira vermelha da estrada. Mas por dentro me sentia limpo como os teus olhos. Atrás do Coronel, acima de sua cabeça, vi uma estatueta de Napoleão a cavalo. De bronze. Perguntei a mim mesmo: “Por que Napoleão e não Gengis-Cã?” Napoleão tinha inveja dêsse monge analfabeto que há mil anos chegou a comandar um exército de duzentos mil homens e conquistar quase todo o mundo antigo. E não foi mais bárbaro do que Napoleão, Alexandre ou Aníbal. E me lembrava da ordem sêca de Bonaparte, na campanha do Egito, mandando assassinar dez mil homens, dez mil prisioneiros turcos, porque não havia ração suficiente para êles. O curso genial justificara: “Os exércitos marcham sôbre estômagos”. “Por que Napoleão e não Beethoven que foi seu contemporâneo?” Tive de reprimir um impulso, um desejo quase incoercível de indagar ao coronel: “Coronel, o senhor prefere Austerlitz ou a Nona Sinfonia?” E de responder eu mesmo: “Prefiro a Nona porque Beethoven ao compô-la não derramou uma gôta de sangue de ninguém”. Mas tive que voltar a mim mesmo, despertado pela primeira pergunta do coronel:

“Seu nome...”

Afinal encontrara uma pessoa que não me conhecia e isso é bom porque faz a gente ficar humilde. Foi assim que começou o meu primeiro interrogatório, repetido quase, palavra por palavra, dias depois, no Ministério da Guerra, diante de um general e de dois coronéis afáveis que pelo sotaque percebi serem gaúchos. Um gravador registrara todo o depoimento. No Ministério da Guerra, além do gravador, três taquígrafos se revezavam. Depunha, pensando menos naqueles oficiais do que em ti e nos milhões de camponeses que nem sequer sabem da minha e da tua existência, esperando pela redenção. Senti que todos que me interrogavam não se limitavam aos fatos concretos. Queriam saber da nossa opinião, do nosso pensamento sobre pessoas, regimes políticos e ideologias.

“Que conceito o senhor faz de...” ou “Qual a opinião que tem a respeito de ...?”

Poderia me limitar a responder apenas sobre os fatos concretos, situações consumadas, acontecimentos em que teria ou não tomado parte ativa. Mas isso só fica bem para os que têm um julgamento circunstancial, passageiro, contingente, formal, baseado em princípios, em normas, em regras, em leis que o fato social com a sua dinâmica vai metendo na lata de lixo da História. Por isso, porque sempre

tenho os olhos voltados para frente porque vejo o futuro com a mesma emoção e a mesma confiança de um viajante que já divisa na linha do horizonte o fumo da casa onde tanto pode estar uma velhinha de cabelos brancos a esperá-lo, como uma menina de dois meses, por isso eu te digo, que tudo o que sinto, o que penso, e que gostaria de poder fazer pelos humildes e pela nossa Pátria, eu externo com a tranquilidade de quem toma os dias como degraus da escada de Jacó.

Para muitos, o cárcere é o fim. Para mim é uma queda em ascensão.

## VIII

“Eu não vos odeio mas odeio as instituições iníquas que defendeis. Muito embora haja entre vós quem não perceba ou busque ignorá-la, a Revolução existe como uma contingência histórica, como um processo dialético de aperfeiçoamento das sociedades e das instituições. De século para século, de decênio para decênio, o homem se torna menos bárbaro e mais solidário. É a Revolução que realiza esse trabalho. Por isso ela está em torno a nós e dentro de nós. A Revolução é como aqueles frutos que estalam quando amadurecem, espalhando sementes sobre a terra. Sua face tem

uma beleza e uma atração irresistíveis. Todos querem contemplá-la mesmo que para isto se interponham o cárcere e a morte. Ela é inevitável e necessária como o nascer de uma criança porque como a criança, é a vida que se revela, é a humanidade que caminha...”

Esta, Isabela, foi a mensagem que deixei sobre o colchão da cela n.º 5, dirigida aos oficiais do BCP, na madrugada do dia 24 de junho, quando parti para o Recife em um avião da FAB. Os oficiais que me escoltaram foram atenciosos. Ofereceram-me chocolates, sanduíches, refrescos e café. Conversamos sobre o futuro do Brasil. Como seria no ano 2000. O avião sobrevoou as cabeceiras do Tocantins. O *Bauzinho* deveria estar lá embaixo, escondido entre as árvores, correndo entre a massa verde de folhas. Tomou depois o rumo do São Francisco que conheci de longe, sem nunca tê-lo visto. Tem-se a sensação exata de que as águas estão paradas. De que não é um rio mas um filão de prata, dando voltas sobre a terra. Imaginava conhecê-lo em uma demorada e silenciosa excursão, partindo de Pirapora, em uma *gaiola*. Programara contemplar calmamente os seus barrancos, conviver com êle, e com as cidades e vilas seculares que êle próprio foi pegando como jóias, ao longo do seu curso. Em uma dessas cidade, Bom Jesus da Lapa,

descemos para reabastecer. Durante a meia hora de permanência ali, fiquei olhando a gruta famosa que atrai, todos os anos, milhares de peregrinos do Nordeste, na esperança de um milagre. Queria ver, de perto, êsse espetáculo triste de um povo abandonado à sua própria sorte, corroído pela miséria e pelo fanatismo, como já o vira, há quinze anos, no Juazeiro do Padre Cícero. Essa visão, com local incorporada ao folclore, tema literário para tantos, em mim gera inconformismo, revolta, humilhação e vergonha.

Nova decolagem e, horas depois, Recife. Dividida pelo rio, invadida pela maré, a cidade sobrenada igual a folhas de vitórias-régias. Era aqui, Isabela, onde eu queria que tu nascesses.

No aeroporto militar uma viatura já me esperava. Mal tive tempo de fazer um aceno aos oficiais que me escoltaram. Parti. Agora, estava entregue a um tenente do Exército que viajava ao lado do motorista e a um investigador que ia junto a mim com o cano da metralhadora a dois dedos das minhas costelas. A cidade estava triste. Chovia. Pude ver, de relance, o amplo portão do cemitério, onde agora dorme meu pai. Tenho de ir lá. Iremos, um dia, Isabela, oferecer-lhe uma rosa, grande e bela como o seu coração. Uma rosa vermelha. Essa era a flor que êle amava.

## IX

Vivi apenas um dia no RO de Olinda. A cela era ampla com uma imensa janela, protegida por uma grade de ferro, dando para fora. Tinha uma cama alta e colchão. Vi, dali, as últimas fogueiras de São João. Depois, uma lua pálida, triste mas muito grande nascendo atrás do morro.

Olinda... Não te posso contar em uma carta o que me evoca êsse nome. Os dias de estudante, a minha vida de diretor de um colégio de meninos, o velho *Instituto Monsenhor Fabrício*, ali pelos anos de 35 a 38, a fundação do *Centro de Cultura Humberto de Campos*, a Festa do Livro, as retretas no Carmo, as cigarras, os sinos, os cajus, as velas, os companheiros que se foram e os que estão espalhados pelo mundo.

Tu irás, um dia, comigo, ver Olinda, tocar de leve com a mão nas ruínas do velho Senado, onde Bernardo Vieira de Melo deu o seu brado de República, em 1710. Isso era bem pior do que gritar hoje — *Viva Cuba!*. Aquêlê brado subversivo, custou-lhe a vida em uma fortaleza medieval, a Fortaleza de São Julião, em Portugal, onde ficou, metido em ferros.

Hoje, depois de 254 anos, onde estão os juizes que o condenaram, onde estão seus carcereiros? Sepultados pela poeira da História. Mas êle, Bernardo, — teu avô materno tinha êste nome que significa *duro como urso*, — permanece nos monumentos, nas praças, na memória de tôdas as crianças de nossa Pátria. Basta que uma professorinha primária pergunte a uma dessas crianças quem deu o primeiro grito de República, no Brasil, e a resposta vem logo:

“Bernardo Vieira de Melo!”

Passara mal aquela primeira noite. No outro dia, com o toque da alvorada, já estava de pé mas trazia a cabeça levemente entorpecida. Uma dor vaga, indefinida, sôbre a nuca e a fronte, denunciando a tempestade que viria mais tarde. A tempestade era a enxaqueca. É um suplício do qual posso falar de cátedra pois me acompanha há mais de trinta anos. Conheço-a em tôdas as suas nuances. Tem mil causas mas uma só forma de atingir o paciente. É como se um par de tenazes fôsse apertando as têmporas enquanto um estilete de aço se enfiasse nuca adentro. As extremidades gelam. Vem a dispnéia. E o vômito irreprimível. O coração fica oprimido. E o rosto de uma palidez esverdeada. O doente procura um quarto escuro. E não se contenta com isso.

Quer um pano preto nos olhos. Recorre à água quente. Usa todos os sedativos. Mas ela não cede. Vai quando quer. Tem um ciclo. Pode durar uma hora. Pode durar três dias.

Esperei-a dessa vez, absolutamente desarmado. Nem um comprimido. Nem uma gota de álcool. Veio o café. Veio o almoço. Veio o jantar. Rejeitei tudo. Não era a greve de fome, expliquei ao cabo. Era a enxaqueca. Ele compreendeu e me deixou em paz. Havia porém luz em excesso. E os ruídos do quartel. A uma hora da madrugada vieram me buscar. Uma escolta sob o comando de um sargento armado de cassetete e de 45. Era um jovem de 24 anos, espadaúdo. Tinha uma tarefa a cumprir. Uma triste tarefa. Poderia ser que o olhasse sob o ângulo de minha enxaqueca. Mas não.

Na Segunda Companhia de Guardas, para onde vim, despojou-me das vestes, revistou até a fita do meu velho chapéu, disse quatro ou cinco pilhérias que um outro sargento, preto e alto, um soldado e dois paisanos, assistiram, impassíveis. Depois, conduziu-me já vestido por um corredor estreito e escuro e, pelas costas, atingiu-me com o cassetete de madeira, com toda a violência, três vezes seguidas, um pouco acima da nuca, antes de atirar-me à cela sobre o cimento frio. E sumiu. Como nada enxer-

gasse, fiz das mãos os meus olhos. O cubículo onde estava era estreito como um túmulo. Pensei comigo: "Devo ter sido enterrado vivo. O sargento se equivocou. Tinha um 45 e usou o cassetete."

## X

Quando despertei uma luz baça se coava pela grade de ferro muito alta e muito estreita. A cabeça onde três galos formavam uma trempe, parecia querer estourar. O braço esquerdo que servira de travesseiro, estava completamente dormente. Fiz-lhe uma forte massagem, a circulação voltou e deu-lhe vida. A garganta queimava e as costas estavam geladas do cimento. A enxaqueca se fôra. Surgira com ímpeto, uma gripe violenta que demorou a ser debelada.

Agora, já podia distinguir bem a minha cela. Levantei-me para examiná-la. Até a altura de um metro e oitenta é revestida por um cimento negro e áspero com saliências agudas que espetam igual a punhal. Não traz a menor percentagem de areia. Resiste a qualquer pressão. Essas saliências, tentei removê-las com o cabo da colher. Mas em vão. Apenas

o cabo entortou. Quem se encosta nesse chão, mesmo protegido por uma camisa de lã, sente a carne torturada. É preciso ter cuidado nos movimentos. Um gesto brusco da mão é uma ferida. Esta cela, assim revestida, tem nove palmos de comprimento por quatro de largura. De Gaulle ou Fidel Castro, teriam que dobrar os joelhos para se acomodar nela. Eu, felizmente, não tenho mais do que um metro e sessenta e seis. Percebe-se logo que ela guarda um objetivo: imobilizar o paciente, quebrar-lhe a resistência física, torturar-lhe os nervos. Para quem tem o hábito de andar a pé, como eu, é um suplício medieval. Vi, pela grade, que o corredor que lhe dá acesso, tem 50 centímetros. Atirados no chão, um bule de zinco e uma lata de flandres. Ambos velhos e sujos. O bule contém água. A lata exala um cheiro acre de urina. "Tenho que matar a sede com esta água e usar aquela lata", deduzo.

Afeiçoei-me a êsses dois objetos como à colher e ao caneco. Quando o bule seca vem um servente apanhá-lo, para enchê-lo outra vez, na torneira do banheiro. Mas a lata, quem conduz é o prêso. Às vêzes, o soldado que leva o bule, leva-a também, mas me pede para não dizer nada. "Posso ser castigado."

Há outros pequenos gestos: um pão a mais que escapa pelas grades, um apêrto de

mão silencioso, uma palavra cochichada, que entram pela cela, iluminando-a, como se a gente visse nascer uma estrêla. Essa ternura humana, existe mesmo dentro dos quartéis a despeito da disciplina e da vigilância. Não só entre os soldados mas também entre os cabos, os sargentos, e até entre os oficiais. O homem é um só. Aqui e lá fora. Vista farda, toga, batina, paletó, macacão ou um trapo. Sofre limitações, é vítima de recalques e de frustrações mas há sempre dentro dêle uma fonte intacta, pura, que em alguns jorra com abundância e por tôda a vida e em outros só se abre sob o toque de uma varinha mágica. Se eu não acreditasse na bondade humana, não compreenderia o sacrifício generoso, a solidariedade espontânea, a amizade que tudo oferece, em troca de nada, nem o amor que é o lado claro de tôdas as coisas que a vida nos dá.

Eu te disse, Isabela, que esta carta não destilaria uma só gôta de ódio. Nem de amargura. Verás isso, por exemplo, em relação àquele jovem sargento que me espancou, desprevenido, pelas costas, desarmado e doente. Não mencionarei sequer o seu nome, para que seus filhos, um dia, não venham a se envergonhar do pai. Êle próprio, depois, veio ter comigo e me disse que "assumira aquêle compromisso" consigo mesmo. Tratava-se de uma ta-

refa que se propusera a executar. Mas mentia. E tive essa certeza quando o oficial de dia, me disse, risonho, que não procurasse o médico, como risonho, também ficou todo o tempo que ouviu a minha denúncia, o capitão que viera tomar o recibo dos meus objetos.

Tudo resultara de um conluio. De um pacto. Concluí que o espírito da *linha dura* soprara na minha cela. A *linha dura* êsse ude-nismo militar que se definiu pelo excesso de autoridade, pelo obscurantismo e pela violência, e para alcançar os seus fins se limita pura e simplesmente à aplicação da rígida Disciplina da caserna, a única com que está familiarizada.

Não tardou que o meu túmulo começasse a receber visitas. Um oficial notou-me a barba crescida e perguntou:

— Barba à Fidel?

— Falta de gilete, capitão.

Dias depois voltou. Viu-me sentado no canto da cela.

— Pensando como entregar o Brasil a Mao?

— Sou um patriota, capitão. — Respon-di tranqüilamente.

— Mao também é! — replicou veemente.

— Por isso mesmo não entregou a China.

Um outro quis conhecer o meu pensamen-to sôbre o problema das pequenas proprieda-

des. Expus com franqueza: “uni-las em coope-rativa para facilitar a assistência financeira e técnica, aumentar a produtividade, racionalizar a produção que se escoará para os grandes cen-tros urbanos e liquidar com o intermediário.” Deveria ser um pequeno proprietário ou des-cendente de família rural com êsse problema. Aceitou a solução.

Um oficial da Polícia da Paraíba, o co-ronel Luís de Barros, também apareceu uma manhã.

— É lamentável que o senhor esteja aqui...

— Por que, Coronel?

— Um homem como o senhor... Na Paraíba a questão da terra toma um caminho pacífico. Eu mesmo tenho sido intermediário da venda de sítios aos camponeses.

Se Reforma Agrária fôsse isso, Spurius Cassius, que apresentou a primeira lei agrária, quatrocentos e tantos anos antes de Cristo, não teria sido condenado à morte, como à morte, pouco depois dêle, não teriam sido condena-dos, os dois Gracos, pelas mesmas razões.

— Isto é especulação, — disse-lhe — Reforma Agrária é coisa diferente. É coisa séria, que derruba govêrno e faz revolução.

— Mas há uma solução pacífica...

— Pacífica ou não, só há um tipo de reforma capaz de atender os camponeses e fazer o Brasil marchar para frente. É a radical.

Despediu-se.

Cada oficial de dia tem o seu estilo. Há os cordiais, abertos, que estão sempre prontos a dar uma nota humana a cada ordem que recebem. Outros são rígidos. Mandam revisitar o prêso, após a visita. Se está em cárcere privado, fazem-no ir para o banheiro de manta sobre a cabeça como um monge encapuzado. Impedem que o jornal chegue à cela. Devem ser pessoas infelizes. Sem cultura. Bitoladas. Que vêem na farda o princípio e o fim. Louis-Hubert Lyautey, marechal de França que foi também da Academia Francesa tem uma frase que se ajusta bem a êsse tipo de militar: “Ser apenas militar é ser mau militar.”

O capitão médico que veio me ver por causa da gripe e da colite — franzino, pálido, bem educado — vendo a cela limpa e eu apenas com a roupa que trazia vestido, mandou trazer três jornais velhos.

— Na Itália, — disse-me, — os pracinhas se defendiam do frio, fazendo polainas de jornais para as pernas e usando-os dentro das botinas. Muitos americanos terminaram aprendendo.

Ficamos amigos. Sempre vem ver-me. De fato, os jornais me defenderam do frio do cimento, naquela noite. Três dias depois, um sargento me trouxe duas mantas velhas de soldado. Fediam a sujo. Tinham a côr de *burro quando foge*. Catei-lhe os percevejos magros, chupados pela carestia de vida. No meu tempo de colégio, por volta de 28 a 31, êles eram grandes, gordos. Nutriam-se do bom sangue dos meninos de engenho. Desciam das paredes, ao milhares para o ataque na calada da noite, nos dormitórios. Era a *invasão dos bárbaros*, como então chamávamos. Dávamos combate a essa horda, de palito na mão a espetá-los em punhaladas certeiras ou queimando álcool no lastro das camas. Tudo isso para mim, agora, são doces recordações.

De posse das mantas, que ficarão comigo até o dia em que vier a ser desenterrado, e dos jornais que, dia sim, dia não, vão entrando pela cela, já tenho um colchão que faria inveja ao próprio Jó.

Pegada à minha, há outra cela. Sua irmã gêmea. Mas tem colchão. São como duas carteiras de notas, absolutamente iguais, no tamanho, na côr, com a diferença de que só uma está recheada de dinheiro. Desde que aqui estou já recebeu quatro pacientes: um economista da Sudene, um guarda fiscal de

Quipapá, um marceneiro de Caruaru e um jovem gaúcho de São Leopoldo. Todos, porém, se foram. Cada um deles deixou comigo um pouco de sua vida e levou a minha aos pedaços. O economista, falava de sua longa viagem ao Chile, à Bolívia, nosso encontro em Santiago do Chile e o chá em casa de Salvador Allende. Demorava-se em longas explicações sobre sua especialidade e abria debates comigo em torno do dualismo filosófico. Ele, cartesiano. Eu, marxista. Mas de que falava com ternura maior era de sua Rosa, de sua noiva. O que o magoava mesmo, não era o estar ali, mas saber que ela sofria. Perguntou-me delicadamente por você.

— Como é Isabela?

E eu te descrevi, Isabela, exatamente como sei que tu és.

O guarda fiscal, magro, alto, de 56 anos era um homem triste, um crente que rezava baixinho. Sua estória era confusa mas pude coordená-la. Já se sentia seguro quando partiu para depor. Não voltou mais.

O marceneiro, quase uma criança. Tinha paixão pela arte. Falava dela como se fôsse de sua namorada. O Movimento Militar de Abril o apanhou organizando o sindicato de sua categoria. Era a segunda vez que o prendiam. A primeira, durante 90 dias, com de-

zenas de outros, entre jornalistas, engenheiros, políticos... Pouco sabia quando foi prêso. Agora aprendeu muita coisa. Assim que saísse, iria tratar de estudar. Perguntei-lhe se já ouvira falar em Álvaro Lins!

— Não. A minha desgraça está nisto. A Comissão me pergunta por tanta gente que não conheço! Deve ser por isso que estou aqui. Quem é êsse homem? Se perguntarem por êle já saberei de quem se trata.

— Álvaro Lins é um filho de sua terra. Entre vivos e mortos, vocês ainda não tiveram ninguém maior do que êle. Álvaro Lins é um grande escritor, admirado aqui e lá fora. Mas, acima de tudo êle é um grande caráter. — Um dia, dará o seu nome a uma rua, em qualquer parte do Brasil, e terá uma estátua de corpo inteiro na praça principal de sua cidade.

— E é vivo?

— Muito mais vivo está Álvaro Lins do que nós que estamos aqui, enterrados, falando como duas sombras.

O marceneiro se assombrou ao ouvir falar dêsse conterrâneo.

— Pelo menos já não me enrasco com êsse... — disse-me.

Foi-se também, mas para o xadrez, não sei se para o X-1 ou para o X-2, que são os dois, apinhados de presos políticos. Distingo

alguns pelas suas vozes que me são familiares: Chico Souto, Miguel Dalia, Sérgio Murilo, Pangino Dantas, Luís Serafim, Salon Araújo, Gibrardo Coelho...

O gaúcho é um jovem de 19 anos. Chama-se Clóvis Aurélio Diedrich. Desertou do Exército em São Leopoldo. É antimilitarista. Não suporta a disciplina da caserna. Um romântico. Um corre-mundo. Preparava-se para apanhar um navio holandês em Cabedelo. Seu sonho é viver na França. Em política é anarquista. Um discípulo puro de Bacunine. Nem sequer conhece o nosso Oiticica. Faz versos que dizem exatamente como êle quer viver. Versos assim:

“Não te apegues a nada  
Porque nada vale a prisão do teu espírito.  
A vida é bela e deves percorrê-la  
Nunca fiques parado na estrada.”

Também se foi, o Clóvis. Foi o último a partir. Desde então, a cela vizinha ficou silenciosa. Já se foram dez dias. Penso nesse estranho e medonho pregão:

“Há uma cela vazia. Será que não existe mais ninguém para ser prêso?”

## XI

Desejo que tu saibas, Isabela, que êstes dias de cárcere e os que virão com suas humilhações e torturas, não me pertencem. É uma oferta que faço aos humildes da minha Pátria. Nada tenho, portanto, a lamentar. Nem tu deves sentir nenhuma tristeza, quando um dia, lêres esta minha carta, porque tudo o que se fizer contra nós, pela redenção dos humildes, pouco significa diante de sua desgraça. Verás que tenho razão. Não se trata de aparecer como uma vítima dos poderosos, nem como um predestinado, um Cristo, carregando a sua cruz. Quero e hei de aparecer aos teus olhos como um homem igual aos outros. Um pobre homem de Bom Jardim, o meu torrão natal, diria bem, parodiando Eça, quando êle se chamou de “um pobre homem da Povia do Varzim”. Com a enorme diferença, é claro, de que Eça é Eça, glória de Portugal e eu permaneci sempre como “um pobre homem de Bom Jardim”. Um simples agitador social, nada mais nada menos que um brasileiro engajado como soldado da Revolução Latino-Americana.

São tão espantosas as condições que ainda vivem milhões de criaturas na América Latina, já na segunda metade dêste século de descober-

tas científicas e invenções técnicas maravilhosas, que a omissão, o silêncio, a complacência ante as instituições responsáveis por essas condições, significam um crime contra a criatura humana e, por extensão, contra a humanidade. Não quero passar pela vida como agente dêsse crime, por ação ou omissão i.é., por dolo ou culpa. Quando tu mesma, um dia, perguntares diante de uma criança morta de fome ou de um velho abandonado feito trapo, pelas ruas: "Que fizeste, papai?" — poderei responder-te, se estiver vivo: "Clamei por tôda parte. Agitei, sacudi, dei tudo que tinha de mais caro: a mocidade, o sossêgo, o ócio, os bens materiais e a liberdade, para ajudar a abolir essa servidão." Mas, se estiver morto, esta carta será a minha resposta à tua pergunta. Por isso, Isabela, vou te falar agora daquilo que busco ser: compreenderás então, o meu radicalismo. E porque vim para o cárcere.

Tive uma infância feliz. Quando fui metido em um colégio, aqui no Recife, me senti como um pássaro engaiolado. Tentei fugir mas a gaiola tinha garras longas e resistentes. Se tivesse voltado para a minha terra, ali permaneceria longe do mundo, revolvendo a terra todos os anos ou, tangendo pela manhã e à tarde, o gado de meu pai. Tudo não passaria

de uma vida doce e rude como a cantou Virgílio.

O livro abriu-me as portas para o mundo. Fiquei tonto de tanta luz. Quis conhecê-lo e o conheci. O mundo era um só mas tinha duas faces: a face risonha dos que têm tudo e a face triste dos que não têm nada. E eu me perguntava, espantado, o por que do contraste. Os livros, deram-me a resposta. E os homens. E a História. E a vida de que a História se diz Mestra.

Desde o momento em que o primeiro homem fêz de outro o seu servo e organizou a sociedade na base da desigualdade dos bens, os milênios iriam assistir às guerras mais cruéis pela manutenção dêsse servo e pela manutenção dessa desigualdade. Confúcio, o mais célebre filósofo chinês, morto quatrocentos anos antes de Cristo, ensinava: — "Ama ao próximo como a ti mesmo." Cristo o repetiu. E foi mais longe. Praticou êsse amor. Era a luta contra a servidão. Confúcio não foi ouvido. Cristo foi crucificado. Moisés, muitos e muitos séculos antes de Confúcio, quebrara as tábuas da lei, diante do bezerro de ouro. Era um gesto radical, digno de Moisés, êsse guerreiro e estadista, poeta e legislador dos hebreus, organizador da primeira greve da História. Milênios depois, Francisco de Assis, na Itália, em um

desprêzo total por aquêle bezerro, fazia o seu voto de pobreza absoluta. Santo Antão, no Egito, dava tudo o que tinha aos pobres e ia viver mais de cem anos com o seu bordão e a sua túnica como um exótico lírio do campo. Centenas e milhares de outros espíritos generosos imolaram-se por êsse amor, contra essa divisão. Eram gestos isolados, que não solucionariam o problema mas nem por isso se desituíam do mérito que repousava no exemplo magnífico de desprendimento que, no fundo, era inconformismo e revolta. Infelizmente o egoísmo do homem e sua ambição de riqueza a tudo resistem. Há quem defenda a sua inevitabilidade, como uma necessidade, como uma fatalidade. A *Rerum Novarum*, paternalista e ambígua quando abre os braços a gregos e turcos, defendendo a propriedade privada mas constatando que "na injustiça de tal sistema se patenteiam tôdas as suas funestas consequências..." esposa a tese dessa divisão. Aristóteles, o maior filósofo da antigüidade, defende e justifica a escravidão e a sociedade com bases nessa divisão também. Mas, em 1867, anterior pois à Encíclica de Leão XIII, um jovem judeu alemão de apenas 30 anos, entregou ao mundo um estudo onde analisava, pela primeira vez, com atitude científica, essas mesmas diferenças que dividiam os homens dentro

da sociedade. Aplicava tôda a fôrça da análise dialética da história do passado à sociedade do presente e do futuro, criando finalmente a teoria da interpretação econômica onde situa o homem no epicentro do sistema social como detentor de um bem maior do que o capital, o valor criado pelo trabalho, sem o qual o capital nada vale. Mais que uma doutrina econômica, Marx criava um humanismo. Um humanismo acentuadamente cristão. E as escolas econômicas cristãs, a escola católica e a escola protestante, se criaram sob a sua influência, havendo já, dentro dos partidos de esquerda, o Movimento *Economia e Humanismo* dirigido pelos dominicanos franceses, tendo à frente o notável Padre Lebret, que estuda a obra de Karl Marx com simpatia intelectual.

Cristo, teria comungado com Lebret, com Marx, com todos os marxistas do mundo. Ele, que não incursionou pela teologia ou pela filosofia, que desconheceu os áridos caminhos da metafísica, que não teve dogmas nem sistemas nem tampouco ligou grande importância aos acontecimentos políticos de seu tempo, deixou-se apenas levar, segundo Renan, por uma resolução pessoal e fixa; salvar o homem. E porque sentiu-se impotente para salvá-lo de uma miséria material, presente em tôdas as latitudes por fôrça da espoliação de um César todo

poderoso, onipresente na pessoa de cada tetrarca, de cada legionário, de cada romano que pisasse com suas botas o chão da pátria dominada, porque não pôde salvá-los dessa miséria, salvou-os da morte, prometendo-lhes a Vida Eterna. A Vida Eterna que êle dividiu na mais perfeita de tôdas as vinganças, entre os que teriam a visão eterna do Pai e os que nada teriam a não ser a danação e o ranger de dentes. E proferiu terrível sentença definindo os que deveriam ficar de um lado e os que ficariam do outro: "Ai de vós, ricos!" pois "é mais fácil um camelo passar por uma agulha, do que um rico entrar no reino dos céus" E estabeleceu, segundo observa Renan, estreita ligação, de uma parte entre as palavras *rico, ímpio, violento, malvado* e da outra, entre as palavras *pobre, manso, humilde, pio*. Cristo e Marx, nada mais pretenderam que redimir o homem e ambos por caminhos diferentes querem chegar aos mesmos resultados: salvar o homem. Daí, dentro da própria igreja católica, haver os que falam de um humanismo marxista, como é o caso do católico francês, Claude Tresmontant que aborda o tema em um brilhante estudo: *Marxismo e Cristianismo*. Cristo e Marx. Um, com seu coração. O outro, com seu cérebro. Um, com seu idealismo. O outro, com seu materialismo. Infelizmente há um erro de interpretação

no que diz respeito a êsse *materialismo* de Marx. *Materialismo histórico*, expressão usada tantas vêzes para denominar a teoria marxista, apenas justifica o realismo filosófico de Marx, a sua realidade econômica, em contraposição ao idealismo de Hegel, filósofo de quem tomou seu pensamento. Um dia, quando estudares, verás, que o idealismo hegeliano, eivado de um transcendentalismo quase obscuro, não é o mesmo idealismo de Jesus. Jesus, repito, não conheceu a filosofia.

Voltando a Marx, esquecem os que o conhecem, que êle refutou o materialismo tanto de Feuerbach, quanto de Vogt e Buchner. E quanto a Cristo não se limitou apenas à pregação de que seu reino não era dêste mundo. Toma o Sermão da Montanha e examina cada uma de suas parábolas. Não há uma passagem de sua vida que não revele essa preocupação pelo corpo do homem, pela sua integridade física, pelo seu estômago, pela sua dignidade como criatura viva.

Hoje, põe-se Cristo contra Marx quando nenhum dos dois quis ver os homens estraçalhados. Cristo faz do homem a raiz de sua pregação. Marx também o fêz. Ambos foram radicais. Cristo disse ao môço rico como condição para segui-lo: "Dá tudo o que é teu aos pobres e segue-me." Quantos *cristãos*, dêsses

que vão à missa no carro último modelo, piedosos automáticos, cumprindo a lei de um atavismo condicionado pelo próprio *status* burguês, que vão de rosário na mão às *up to date* marchas político-religiosas, quantos dêles não gostariam de apagar essa sentença dos lábios do Cristo ou de tomar-lhe o chicote usado para expulsar os vendilhões do Templo que eram os mesmos vendilhões da Pátria! Ser cristão, portanto, é ser radical. Como foram Moisés, Amós, Isaías, Gregório, Magno, Ambrósio e tantos e tantos outros. Marx também é radical. Que é ser radical para Marx? Ele mesmo assim o define: "Ser radical é tomar as coisas pela raiz. Ora, para o homem a raiz é o próprio homem."

Não vejo porque dividir o mundo entre marxistas e cristãos que divergem no plano filosófico mas se encontram no plano humano. Se Marx proclama a igualdade de oportunidade para todos, "a cada um segundo suas necessidades mas de acôrdo com sua capacidade", Cristo é mais radical quando manda que o rico dê tudo e o siga. Donde deduzo que ser cristão é bem mais difícil do que ser marxista. E não podendo ser cristão pela metade já que cristianismo é um todo, integral, indivisível, é preferível ser marxista, adotando uma posição

correta e digna diante do homem. Porque, em primeiro lugar, vem o homem, como afirma o Papa Paulo VI. O resto vem depois.

## XII

"Só se vence na vida quando se é obsedado por uma idéia". Esta frase pertence ao general Leclerc, uma glória da França. Está na proclamação que redigiu a seus oficiais, pouco antes de partir da Inglaterra, à frente da 2.<sup>a</sup> Divisão Blindada que êle próprio organizara na África para libertar sua Pátria.

Sim, Isabela, deixei-me obsedar por uma idéia. E não me arrependo do que fiz até hoje, para que ela vingasse. Apaixonei-me desde jovem pela causa mais nobre que há neste País — a libertação dos camponeses. E fui ao extremo do que me permitiam as fôrças e os recursos.

Ao fim de vinte anos de lutas nos pretórios como advogado de camponeses, sustentando causas que sempre perdia porque a justiça é de classe e a classe que domina o País tem como viga mestra o latifúndio, ao fim de vinte anos de lutas, dez dos quais agitando a nação à frente das Ligas Camponesas, tudo o que se

disser contra mim vale tanto quanto as pedras que se atira a uma árvore para atingir-lhe os frutos.

Na verdade, quando iniciei a minha pregação, a questão agrária já era uma velha questão. Mais que secular. Irás vê-la tratada pelo Padre Vieira, há mais de trezentos anos. Depois, por José Bonifácio que te aponto como o maior brasileiro, entre vivos e mortos, finalmente por Nabuco e um sem número de outros que vieram depois do grande abolicionista. Todos, sem exceção, foram radicalmente contra o latifúndio mas essa instituição tinha, já entre nós, raízes tão bem fincadas que a tudo resistiu e ainda resiste. Nenhuma Revolução foi capaz até hoje de tocar-lhe a estrutura. A abolição da escravatura negra fê-la apenas, estremecer de leve, recompondo-se logo sob o regime da servidão feudal que, na América, viria a se alimentar tão bem quanto na Europa, antes da Revolução Francesa. Já no Império, quando alguém tentara colocar a questão agrária em termos de solução política, os defensores e advogados do latifúndio encontraram na solução técnica um meio de adiar o debate e de amortecer a paixão dos seus mais destemidos adversários. Essa solução técnica avassalou os homens da República, na sua maioria ligados umbilicalmente à terra, como de resto quase

tudo neste País. Posso dizer, na América Latina, onde 19 países concentram 65% das terras lavradas em mãos de 1,47% dos grandes proprietários.

Mas há uma coisa que não pára: o estômago. Essa víscera vive em perpétuo movimento. Se pudesse ser abolida a Paz já teria sido implantada sobre a terra. Desde que adquirimos a consciência de que a primeira condição para manter a vida é lutar contra a fome, passamos a lutar simplesmente por isso. O estômago está mais próximo da terra do que os nossos pés. É que ele vive da terra e os pés vivem d'ele. A fome, "esta má conselheira", como dizia Virgílio, leva o homem ao caminho do crime. Daí a luta entre eles. Entre os povos. E dentro de cada sociedade. Daí a luta de classe que não é uma invenção marxista mas uma imposição do estômago. O homem é, por conseguinte, estômago antes de ser filósofo, cientista, poeta, artista, sacerdote ou soldado. Temos assim, a relação terra-homem como causa e efeito, o princípio e o fim, o pão e a vida. Tanto é verdade que a terra veio antes do homem. Tôdas as teorias se ajustam a essa realidade. A terra, portanto, existe para servi-lo. Mas o quadro que eu vi, Isabela, e o que eu vejo, é bem outro: o homem crucificado à terra, como um escravo, como um servo, po-

bre Cristo servindo a outro homem que está sempre gritando: "Esta terra é minha! Vem dos meus antepassados! Comprei com meu dinheiro!"

Daí aquêlê lamento do meu pobre xará de Minas: "Ai de quem tocar nesse mundo de terra!" Não conheço nenhum santo que defenda o latifúndio. Nenhuma religião que o adote. Nenhum sistema social, entre todos os povos socialistas e mesmo entre aquêles que adotam o regime capitalista, fazendo dêle o seu ponto de apoio, o seu esteio central, a sua base de sustentação. Mas na América Latina é o latifúndio que preside à coisa pública, i.é., à máquina política. O Brasil, pela sua fatalidade geográfica, não pode, pois, fugir à regra.

É o paraíso do latifúndio. É êle que depõe governos. Tutela governos, dá golpes de Estado, faz a lei, e faz o juiz para que suas leis sejam cumpridas. Fabrica a prostituta para alimentar os lupanares onde êle próprio se deita e se diverte. Entulha os cemitérios e as encruzilhadas dos caminhos de milhares e milhares de crianças que tinham o direito de viver. E isso, minha filha, neste País imensamente rico, onde toca mais de um boi para cada homem porque possui o terceiro rebanho do mundo. São 127 milhões de cabeças, avaliação feita de acôrdo com os dados de 53. E es-

tamos em 64. Há crianças que nunca tomaram leite e homens que, uma ou duas vêzes por ano, comem um pedaço de carne verde dêsse rebanho.

O latifúndio permanece assim, como um dente podre contaminando o corpo de uma Nação. Tem de ser extirpado. Tem de ser arrancado pela raiz. Está apertando o camponês pelo pescoço. Mata-o de asfixia. Já não é só o camponês. É todo o povo. Quando se propõe uma solução política para extingui-lo, surge a solução técnica para mantê-lo. A primeira, vê o homem. A segunda, a terra. Mas a terra deve servir ao homem. Produção sem liberdade é escravidão. Homem sem terra é servidão.

Por isso, Isabela, permaneço obsedado por esta idéia, como o general Leclerc pela idéia de libertar a França, de fazer Paris cantar outra vez o mais belo hino que já se compôs na terra — a Marselhesa.

Apodrecerei no cárcere com esta idéia. Morrerei com ela. É uma obsessão, sim, uma obsessão não de um general mas de um humilde soldado da Gloriosa Revolução Latino-Americana.

É uma paixão, meu amor, a violenta paixão de um patriota.

### XIII

Hoje, 26 de julho, faz precisamente um mês que amanheci nesta cela. Durante êsses trinta dias o regime carcerário permaneceu inalterável: a mesma comida, o mesmo bule, a mesma lata, a mesma manta e o mesmo toque de corneta. Fôsse uma criatura sem perspectiva e sem imaginação, diria: "a vida está parada". Mas, não. A vida caminha. E caminha mais depressa do que posso supor. No comêço, os dias pareciam bem mais longos. E eu tinha com quem dividir as horas. Filosofava com o economista da Sudene, aprendera a jogar *impugno* com o carpinteiro de Caruaru e ouvia as aventuras e os poemas do gaúcho. Agora, apesar do vazio que deixaram todos êles, os dias são mais curtos. Sabes por que, Isabela? Solicitara dos oficiais de dia qualquer dêsses 3 livros ou os 3: *Os Sertões*, *Os Lusíadas* ou a *Bíblia*. Mas nenhum dêles, creio, ousou sequer levar a minha pretensão ao encarregado do inquérito militar, o coronel Ibiapina, Hélio Ibiapina, que ainda não conheço. Sem nenhuma leitura, nem mesmo um dicionário para consultas, sem nada para mitigar meu único vício pensei em escrever os romances ou as novelas que poderia ter escrito e não o fiz porque

a realidade quis diferente. Mas comecei por esta carta onde falo um pouco de mim mesmo, de minhas idéias, de minha inquietação. E teria que ser uma carta de amor para uma menina. Para ti, Isabela. Não poderás nunca medir a emoção que senti quando tive em minhas mãos as primeiras fôlhas de papel e os dois lápis esferográficos com que te escrevo. A solidariedade, essa cadeia misteriosa e invisível que liga os homens entre si não conhece distância nem obstáculos. Desde o momento em que vi diante de meus olhos uma fôlha de papel em branco e tive nas mãos um lápis que funcionasse sem gilete, (minha colher, apesar de tão prestimosa não poderia fazer-me êsse serviço) abriu-se um clarão na minha cela. Passei a enxergar mesmo depois que a luz fugia, às quatro da tarde, com seus pés de prata, como diria Oscar Wilde. E passei a crer na estória do Conde de Monte Cristo que, de tanto viver na escuridão, acabou vendo de noite como um gato. Escrevo sem óculos e não me dói a vista. Escrevo sentado no chão, sôbre as pernas. De costas para a grade. Quando quero descansar, me levanto. Na minha cela é assim: o prêso para descansar fica de pé.

Este capítulo que poderia ser o primeiro desta carta, já que é a partir de hoje, 26, que começo a escrevê-lo, também não será o últi-

mo. Tudo parece às avessas. Mas tem a sua lógica. Não acabo de dizer-te que na minha cela para descansar, o prêso fica de pé?

Gostaria de ter iniciado esta carta no dia 5 de julho que nos lembra a arrancada dos *18 do Forte de Copacabana*, em 22, ou da *Coluna Prestes*, em 24. Mas nessa data, não tinha ainda papel e lápis. Hoje é também uma grande data. Duplamente gloriosa como os dois *cinco de julho*. E como os dois *cinco de julho*, data de luta, de tristeza, de fracasso, mas de luta em que se exalta a coragem, de tristeza em que se exalta o heroísmo, de fracasso em que se exalta o sacrifício.

Um homem tombara a 26 de julho de 1930, aqui no Recife. Não era um homem comum. Governara um estado pequenino, a Paraíba, sua terra natal. Tinha pulso de aço e coração de ouro. Rasgara estradas, abrira porteiros, multiplicara escolas, moralizara a administração pública, impusera-se até aos criminosos mais terríveis, aos presidiários comuns, tanto que trabalhavam pelas ruas, sem guarda à vista e sem corrente ao pé. E podiam passar o natal com as famílias. Mas êsse homem asanhara uma serpente: o latifúndio. Tocara em uma instituição poderosa: o coronelismo. Os usineiros, os senhores de engenho da várzea do Paraíba não o perdoariam. Nunca o per-

doariam. Nem os grandes fazendeiros do sertão. Caíra, varado a bala, a mando de um dêsses poderosos, dêsses potentados que não o são bastante para assumirem claramente a responsabilidade do crime e se ocultam por detrás da figura triste do capanga, escolhido para a empreitada. Caíra, mas caíra de pé, como o pau d'arco ferido pelo raio. Chamava-se João Pessoa. "Vivo não te venceriam", dissera alguém diante do seu cadáver. "Morto não te vencerão", replicara outra voz.

Sua morte foi o estopim da Revolução de 30. Lembro-me dos lenços vermelhos aos pescoços, das canções, dos tribunos, das caravanas liberais, do luto fechado dos paraibanos, pedindo justiça. Derramou-se sangue em choques violentos. Triunfara a Revolução. Vargas subia ao poder. Vinte e quatro anos depois, era o próprio Vargas quem meteria uma bala no coração. Teria traído os ideais da Revolução? Não. Sua carta-testamento mostra que não a traíra. E por que tombara? Porque fizera a Revolução pela metade. Nenhuma Revolução vinga se pára no meio do caminho. A Revolução tem de ser total. Ou ela planta raízes na consciência do povo ou morre à falta de seiva. Quando não apodrece antes do tempo.

Foi essa a lição que um outro homem soube tirar da História. Um jovem que se le-

vantou contra uma ditadura sangüinária. Uma ditadura que entregara a Pátria à gula insaciável de especuladores, nacionais e internacionais. Dos vendilhões do Templo. Porque o Templo é a Pátria.

Refiro-me a Fidel Castro. Evoco o assalto a Moncada. Um fracasso, como a arrancada de Copacabana. Uma queda, como a de João Pessoa. Mas foram aquêles fracasso e aquela queda que forjaram a Resistência contra a Ditadura, acendendo a chama redentora na consciência do povo, preparando a vitória sobre fôrças muitas e muitas vêzes mais poderosas. Assim como hoje estamos convencidos de que sem os dois *cinco de julho* e a morte do Presidente João Pessoa não teria havido a Revolução de 30.

É cedo para julgar a obra de Fidel Castro de quem De Gaulle, insatisfeitíssimo, diria que discordava de suas idéias mas reconhecia nêle um bravo e um patriota. Esperemos pela História que julga sem paixão.

Não há Revolução política que possa vingar se não trouxer consigo reformas sociais e econômicas profundas. Deteriora-se mais cedo ou mais tarde. Perde o rumo. Ou retrocede. A Revolução sempre anuncia os melhores propósitos. Faz-se contra a especulação desenfreada, contra os abusos do poder econômico, con-

tra a corrupção administrativa, contra os privilégios, pela justiça social, pela rigorosa aplicação da renda pública, pela igualdade de oportunidade para todos.

Por essa Revolução sempre sonhei, Isabela. Quero até mais. Quero que não se liquide apenas com a corrupção administrativa, com o tráfico de influências, com as negociatas que os lupions e os ademares fazem sob o pretexto de que "roubam mas fazem". Quero mais ainda. Muito mais: quero reformas radicais. Em primeiro lugar, a Reforma Agrária para que o meu xará de Minas nunca mais diga com aquela tristeza de fome, da falta do toucinho, que tanto dói no coração da gente: "Ai de quem tocar nesse mundo de terra! Tudo tem dono..." Não há de ser nunca por omissão criminosa diante de um quadro como êsse que eu tenho de responder um dia, vivo ou morto. Nunca!

Há de ser, sim, por ação patriótica, por esta revolta sagrada que hei de carregar sempre na minha consciência de brasileiro, não só de brasileiro mas de latino-americano, contra a degradação da criatura humana, que eu prefiro os riscos da vida dura e incerta à paz feita de transigência, de submissão e de medo.

Corrupto, não sou. Fica tranqüila. Poderia ter tido tudo e pouco tenho. Ou quase nada. Ninguém, entre os que caíram e os vi-

toriosos, ousaria permutar os seus bens pelos meus.

Resta o outro motivo que me teria trazido ao cárcere: a subversão à ordem, o crime contra a segurança do Estado.

Que é *subversão*? Que é *ordem*? Que é *crime*? Que é *segurança*? Que é *Estado*? Um oceano de tinta e montanhas de papel já foram consumidos para conceituar e definir essas palavras. É que o seu conceito e a sua definição variam no tempo e no espaço. Cada estágio da sociedade humana fixa uma regra, um princípio, uma norma que um outro estágio modifica, porque a regra, o princípio e a norma são cristalizações, momentos estereotipados, enquanto a sociedade humana é o rio que corre ainda que tenha remansos, é o trem andando, ainda que faça suas rápidas paradas nas estações.

Figuremos o instante que ora veste esta sociedade de que fazemos parte, a Nação a que fazemos parte, a Nação a que pertencemos, a Pátria de que nos orgulhamos. Que ordem, existe aqui? Uma ordem em que todos não são iguais perante a lei. Sim, porque o tratamento que a lei dá ao rico não é o mesmo que dá ao pobre. Há desigualdade. Há discriminação. Há privilégio. Porque somente uma minoria

detém as terras, as melhores e as mais vastas extensões, enquanto a grande maioria clama, inútilmente, por elas ou pelo direito de viver nelas, não como servos mas como homens livres? Por que há de ser sempre o especulador, o intermediário, o açambarcador, o usurário que nada fizeram para criar e multiplicar a riqueza nacional os que estabelecem as condições para que na casa do trabalhador haja menos pão, menos leite, menos remédio e menos roupa, quando forçam com suas manobras ilícitas a alta dos preços, através tôda sorte de pressões? Por que a fábrica tem que ser de um só homem ou de um grupo quando o seu conjunto é o fruto do trabalho, da capacidade dos que lhe deram forma e lhe dão vida? Por que silenciar diante da degradação física e moral do ser humano, nosso irmão, nosso semelhante, nosso compatriota, cidadão como nós, filhos da mesma Pátria, quando se lhe nega a escola, a casa, o trabalho, o pão e a liberdade?

Temos que subverter essa ordem porque ela é a responsável pela matança de centenas de crianças, que sucumbem de fome crônica transformando êste País maravilhoso e rico em um vasto sanatório de tuberculose. Temos que subverter essa ordem responsável pela multiplicação dos prostíbulos, pelo aumento da criminalidade, pela chaga do mocambo e da favela,

pela instabilidade social, pela insegurança do Estado.

Não é o canhão que mantém a ordem. É o pão. Não é o cárcere que garante a tranquilidade do Estado. É o trabalho. Quando o Estado coloca o direito de cada um acima do direito de todos defende o abuso da propriedade. É o Estado privativista, burguês, capitalista, parasitário. Somos contra esse estado que não é nem cristão nem marxista. Somos contra essa ordem que não encontra apoio em uma só passagem da pregação de Cristo nem em uma linha de toda obra de Marx. Estamos assistindo a decadência dessa ordem que para se manter recorre à violência. Defendemos outra, diferente. Aquela em que o respeito pela pessoa humana não seja uma palavra vã, uma figura de retórica mas algo que possamos sentir e tocar como uma coisa real que se estenda do berço ao túmulo. Dê-se-lhe o nome que se lhe quiser dar: Democracia Cristã, Socialista ou Popular, contanto que ela realize o bem para todos e não para alguns.

Se ser subversivo, é isso, Isabela, eu o sou. Seria uma capitulação se o negasse, uma omissão se não o afirmasse. Capitulação e omissão diante do povo e da Pátria.

E diante de ti, Isabela? Capitulação e omissão.

Porque tu és a imagem mais pura e mais viva que eu tenho do Povo e da Pátria.

#### XIV

*É agosto, é agosto  
é o tempo das queimadas.*

Lerás isso no *Juca Mulato*, o poema que, publicado há 30 anos, consagrou Menotti del Pichia. Sim, Isabela, se estivéssemos no *Bauzinho*, agosto seria para nós o tempo das queimadas. Mas aqui, não. Aqui é o tempo dos ventos que vêm do mar, fazendo do Recife uma cidade alegre e brincalhona mesmo com a tristeza da fome nascendo nos olhos dos humildes. São esses ventos que trazem um arrepio de primavera. Eles pousam como pássaros mágicos sobre as canafístulas, os *flamboyants* e as acácias, levando as últimas folhas mas deixando abotoadas todas as copas de milhões de pequenos botões verdes. Daqui a um mês, Isabela, quando setembro chegar, essas copas se transformarão em imensos buquês roxos, vermelhos e amarelos, enfeitando os cabelos das crianças, dos namorados e dos velhos que não brincam mas meditam à sua sombra. Os ca-

jueiros e os paus-d'arcos festejam também a sua chegada.

Uma dessas manhãs, despertei, sentindo em meu rosto o beijo leve dessa viração. "Se chega até aqui" penso comigo "é porque lá fora deve estar fazendo remoinho, levantando tôdas as saias pelas pontes do Recife, tangendo tôdas as velas para as praias, assaltando todos os coqueiros de surpresa, limpando o céu de tôdas as nuvens para que fique bem azul, pulando, assoviando, cantando como um moleque. É agôsto que traz os ventos? São os ventos que tangem agôsto? E Isabela quem me trará?

A pergunta morre no silêncio do meu túmulo onde permaneço enterrado, há quarenta dias e quarenta noites, tempo suficiente para um dilúvio cobrir tôda a face da terra e lavar as águas, segundo o testemunho de Noé.

Já em Brasília, um capitão do BCP me perguntara:

— Como fazer para que o senhor conheça sua filha, antes de ir para o norte?

— Não sei, capitão. Não sei onde ela está.

Eu tinha uma pista mas receei que Eneida pudesse também ser encarcerada. Nada tão subversivo do que ser minha companheira e

me dar um filho. Quis silenciar mas o capitão compreendeu tudo e, em um relance, me disse:

— Se o senhor confia . . .

Dei-lhe as indicações mas tudo foi inútil. Ficou-me o seu gesto nobre que nunca esquecerei.

Parti sem saber, sequer, do teu destino, Isabela. Mas uma dessas manhãs, um sargento pôs o rosto diante da grade de minha cela. Parecia risonho.

— Tenho uma boa notícia para o senhor.

Pensei comigo: "Será o banho de sol? Irei deixar a cela pelo xadrez?" Levantei-me. Ele disse:

— O senhor vai receber a visita de sua filha.

O coração me bateu no peito com violência. Quis dissimular a emoção mas não pude. Fôra como se a tampa do meu caixão de cimento se abrisse e agôsto entrasse no túmulo com o redemoinho dos seus ventos, uma doce rajada de luz e um punhado de flôres. Fôra mais, bem mais. Fôra como se acabasse de conquistar a liberdade.

Veio depois o tenente, um paulista, simpático, de meia idade, cuja bondade, no tratamento para com os presos, se ergue como barreira, contra qualquer pretensão a um ato de audácia ou rebeldia. E me inteirei dos de-

talhes da visita: seria na presença do oficial de dia, durante dez minutos. Mas, Isabela, tu não virias pelas mãos de Eneida.

Dez minutos apenas. Eu teria de calcular a importância de cada segundo nesse nosso primeiro encontro. Quantos levaria para te ver os olhos, a conformação do teu rosto, a cor de tua pele e dos teus cabelos, os detalhes, os mínimos detalhes sobre o teu vestido e os teus sapatinhos? E sentia não ter comigo um relógio, — pois até do meu me despojaram para que com êle não cortasse os pulsos com o mostrador de vidro, disseram-me depois — sentia não ter um relógio para poder precisar o tempo, controlá-lo durante a operação-Isabela, a mais delicada, a mais lírica, a mais romântica, a mais amorosa operação que já me ocorreu fazer durante toda a minha existência.

Percebi de um relance que 49 anos de vida pode um homem trocar, quando êle é pai, pelo direito de ter apenas 10 minutos, nos seus braços, a filha de dois meses que ainda não conhece.

Só de uma coisa, não me despoçaria, Isabela, para te ter nos braços: da minha dignidade de revolucionário, porque preexiste e subsiste em cada um de nós, é uma herança sagrada que recebemos da humanidade e temos

que transmiti-la intacta, à humanidade. É o ideal, é a aspiração suprema, dê-se-lhe o nome que se lhe quiser dar; para uns, a fé, para outros, a razão ou a liberdade ou a caridade ou o amor. Despojar-me dela seria despojar-me de mim mesmo e também de ti, seria negar o azul de teus olhos, a alvura de tua pele, toda a tua pureza.

Ficarei, assim, contando os dias, as horas, os minutos, pelos dez minutos que me esperam na próxima quarta-feira, porque é sempre às quartas o dia de visitas, para que tu venhas depois de dois meses que, para mim e Eneida, valeram por três mil anos, talvez mais...

Deixa que eu me recolha no fundo do meu túmulo para repetir esta operação aritmética, tão simples, em que o dividendo cresce diante dos meus olhos. Um dez que toma a minha cela e a minha vida mas varia o divisor que há de ser, forçosamente, um número par, para que não sobre resto pois quero aproveitar o último décimo de segundo.

Viverei, agora, sob o signo do dez. Por que dez e não quinze e não trinta e não a vida inteira? Será um número arbitrário ou cabalístico?

Dez. Dez minutos.  
Até quarta, Isabela!

ESTA OBRA FOI EXECUTADA NAS OFICINAS  
DA COMPANHIA GRÁFICA LUX, RUA FREI  
CANECA, 224 — RIO DE JANEIRO, PARA  
EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.

**"ESTA É UMA CARTA DE AMOR, SÔMENTE DE AMOR, QUE TE ESCREVO DO CÂRCERE..."**

Com essas palavras, FRANCISCO JULIÃO inicia a carta que dirige à sua filha Isabela, nascida em Brasília, no último dia de março, mas que só veio a conhecer dois meses depois, quando já se encontrava prêso.

**A T É Q U A R T A , I S A B E L A !**

é o dramático e vigoroso depoimento de um homem que evoca a sua vida de lutas e defende as suas idéias com ardor e convicção. Declaração de amor à filha e à humanidade, é também uma desassombrada afirmação de princípios e de fé no futuro. Neste emocionante e emocionado documento, o autor explica, ainda, as razões que o levaram a arrostar as adversidades e a prisão quando fácil lhe seria obter asilo numa embaixada!

**A T É Q U A R T A , I S A B E L A !**